



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
JORNALISMO

EVA MARIA SILVA PEDROSA PIMENTEL FILHA

OS DESAFIOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM MACEIÓ
SÉRIE DE REPORTAGENS DE RÁDIO

MACEIÓ
2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

P644d Pimentel Filha, Eva Maria Silva Pedrosa.

Os desafios da pessoa com deficiência em Maceió : série de reportagens de rádio / Eva Maria Silva Pedrosa Pimentel Filha. – 2020.

62 f.

Orientador: Júlio Arantes Azevedo.

Monografia (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação
e Artes. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 42-43.

Apêndice: f. 44-62.

1. Pessoas com deficiência - Maceió(AL). 2. Acessibilidade ao meio físico. 3. Reabilitação. 4. Rádio - Programas. I. Título.

CDU: 654.195(813.5)-056.26-056.37

EVA MARIA SILVA PEDROSA PIMENTEL FILHA

**OS DESAFIOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM MACEIÓ
SÉRIE DE REPORTAGENS DE RÁDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito de nota parcial para a obtenção do título de Jornalista pelo curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), sob a orientação do professor Dr. Júlio Arantes Azevedo.

MACEIÓ - ALAGOAS

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 05 dias do mês de outubro do ano de 2020 das 15h às 16h, realizou-se no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado "OS DESAFIOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM MACEIÓ - SÉRIE DE REPORTAGENS DE RÁDIO" do(a) graduando(a) **EVA MARIA SILVA PEDROSA PIMENTEL FILHA**, matrícula 13211012, do Curso de Jornalismo, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta por **LÍDIA MARIA MARINHO DA PUREZA RAMIRES** (1º examinador), **LUIZ MARCELO ROBALINHO FERRAZ** (2º examinador) e **JÚLIO ARANTES AZEVEDO** (orientador). Após exposição oral sintetizando o TCC, o(a) graduando(a) foi arguido(a) pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular o TCC foi considerado:

- (X) Aprovado, atribuindo-lhe a nota 10,0
 () Reprovado
 () Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a _____ dias úteis.

Subscrevemo-nos



JÚLIO ARANTES AZEVEDO (orientador)



LÍDIA MARIA MARINHO DA PUREZA RAMIRES (1ºexaminador)



LUIZ MARCELO ROBALINHO FERRAZ (2º examinador)

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Eva Maria da Silva, a minha avó (*in memoriam*), Cícera Maria da Silva, ao meu tio, Aarão José da Silva, meu padraсто Marcos Antônio Rodrigues Correia, futuros colegas de profissão, e às minhas irmãs, Lorena Rafaela e Letícia Gabriela, que sempre acreditaram no meu potencial, me apoiaram e me incentivaram a realizar todos os meus objetivos.

Aos profissionais da área da saúde, que se dedicam diariamente ao tratamento assistencial de pessoas com deficiência na capital alagoana.

A todas as pessoas que ultrapassaram preconceitos, constrangimentos e adversidades por conta de sua deficiência e que seguem lutando pelo seu espaço e independência dentro da sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a fé que nos move e é capaz de tornar real cada desejo e sonho que carregamos dentro de si. A toda minha família que serviu de base para construção de caráter pessoal e garantiu as melhores condições de ensino num círculo de afeto e carinho. Em especial à minha mãe, Eva Maria da Silva, que chegou a participar das atividades de introdução ao curso e se entregou de corpo e mente para que essa graduação se tornasse realidade. Minha eterna gratidão ao meu padrasto, Marcos Antônio Rodrigues Correia, e ao meu tio, Aarão José da Silva, responsáveis pelas minhas primeiras oportunidades de estágio.

À minhas pequenas irmãs, Lorena Rafaela e Letícia Gabriela, meu singelo agradecimento por sua doçura, sinceridade e pureza que trouxeram muita felicidade em meio a tanta correria universitária.

Aos amigos que universidade e vida de redação trouxeram, muito obrigada por cada momento compartilhado. Vocês são pessoas fora do comum e inigualáveis.

Aos grandes jornalistas que me apresentaram as partes boas e ruins da profissão pela qual mostraram valer a pena lutar sempre.

Até o fim dos tempos existirá gratidão aqui a todos os seres que acreditaram e puderam contribuir na minha jornada acadêmica e profissional dentro e fora da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). A minha mais sincera gratidão. São humanos fora de série.

RESUMO

O trabalho a seguir engloba todo o processo de produção jornalística e a operacionalização da série de reportagens de rádio “Os desafios da pessoa com deficiência em Maceió”. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), mais de 45 milhões de brasileiros são portadores de algum tipo de deficiência. Esses cidadãos só passaram a ter direitos assegurados por lei em 2015 com o Estatuto da Pessoa com Deficiência. Além de apresentar questões pertinentes a respeito das dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência (PCD) em Alagoas e, em especial no município de Maceió, o conteúdo das quatro reportagens radiofônicas trará ainda a descoberta da deficiência, desde o nascimento ou adquirida ao longo da vida; o porquê do tema ainda ser pouco discutido em sociedade; as ferramentas integrativas e acessíveis ao meio em que vivem; como enxergam sua independência; mostrar os locais que suporte de atendimento.

Palavras-chave: PDC. Acessibilidade. Integralização. Reabilitação. Deficiência.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.	10
2.1 O rádio e seu poder comunicador	10
2.2 Radiojornalismo.....	12
2.3 Linguagem e elementos do rádio.....	12
2.4 As formas de apuração da reportagem.....	15
2.5 A construção da reportagem.....	16
3 JUSTIFICATIVA.....	17
3.1 A pessoa com deficiência no Brasil.....	17
3.2 Quais os tipos de deficiência.....	18
3.3 Os números da deficiência no país.....	18
3.3.1 O acesso aos dados da deficiência em Alagoas.....	20
3.4 O acesso aos direitos e igualdade em sociedade.....	21
3.4.1 A inclusão e integralização.....	24
4. OBJETIVOS.....	27
4.1 Geral.....	27
4.2 Específicos	27
5 MATERIAIS E MÉTODOS	28
6 DIÁRIO DE BORDO	31
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES	36
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
9 REFERÊNCIAS	41
10 ANEXOS	43

1. INTRODUÇÃO

O número de pessoas com algum tipo de deficiência no Brasil cresce e se reconfigura com o passar dos anos. De acordo com o último Censo realizado pelo IBGE em 2010, 45,6 milhões de pessoas consideram ter algum tipo de deficiência, número que representa 23,9% da população brasileira portadora de deficiência, seja ela visual, auditiva, motora, mental ou intelectual. O presente trabalho fará um esclarecimento sobre o conceito de Pessoa com Deficiência, o avanço das políticas públicas voltadas para essa parcela da sociedade, restringindo à capital do estado de Alagoas, Maceió, através do acompanhamento do cotidiano de maceioenses que nasceram ou adquiriram ao longo da vida a deficiência.

Ao todo, foram construídas quatro reportagens com tempos variados entre cinco e nove minutos de duração, totalizando cerca de trinta minutos. Os temas abordados aliam direitos básicos de qualquer cidadão partindo do ponto de vista da pessoa com deficiência na cidade de Maceió. A primeira reportagem da série traz uma introdução ao tema deficiência e faz uma breve exploração dos personagens que encontramos ao longo da série. A descoberta da deficiência e integração social são o foco da primeira matéria.

Na segunda reportagem conhecemos as maneiras encontradas para integrar a criança ou o adulto com deficiência na rede pública da capital. É possível entender quais as ferramentas utilizadas e como o município trabalha políticas e ações para evitar o afastamento e a discriminação dentro da rede educacional, seja por alunos (colegas de classe) ou profissionais, desde o ensino infantil a educação superior.

Em meio à crise econômica no país, a terceira matéria aborda as dificuldades de inserção desse cidadão portador de deficiência no mercado de trabalho local. Dentro do tema foi realizado um levantamento para identificar se as empresas da capital cumprem a Lei de Cotas que obriga empresas de todo o país que tenham 100 ou mais funcionários tenha um percentual de 2% a 5% de funcionários com qualquer tipo de deficiência.

Por fim, a quarta reportagem apresenta uma das principais ferramentas agregadoras, o esporte. Considerado uma ferramenta de inclusão social e até de prevenção à violência os entrevistados dão depoimentos sobre alternativas encontradas em meio à prática de modalidade esportivas, para conquistar a independência e autoconfiança. Além de serem reinseridas no meio social, PCDs descobrem uma nova identidade que derruba a relação constante e ultrapassada entre o cidadão portador de deficiência e a dependência.

O esporte adaptado ou o paradesporto é o tema central por seu papel fundamental para o reconhecimento da condição, enquanto PCD, a superação dos obstáculos e ainda inclusão social indivíduo com deficiência no meio em que vive em comunidade.

Desta forma, o presente trabalho surgiu com a necessidade de compreender melhor o cotidiano e as dificuldades que circundam a realidade de uma pessoa com algum tipo de deficiência na capital alagoana. O objetivo é construir uma reportagem especial que será fragmentada em quatro pontos principais utilizando-se das ondas sonoras do rádio – meio de comunicação popular por suas características simples, informal, didático e claro. A ideia é esse público atualizado e consciente sobre o assunto, de forma a desconstruir essa figura dependente do cidadão portador de deficiência.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O rádio e seu poder comunicador

A invenção do rádio data do século XIX e sua popularização aconteceu em meados do século XX, mesmo período histórico em que chegou ao Brasil. O rádio em sua funcionalidade é um sistema de comunicação que tem como base a propagação de ondas magnéticas pelo espaço. As ondas radiofônicas são utilizadas em diferentes comprimentos, e isto faz com que seja possível distinguir sua frequência que é inversa ao comprimento das ondas magnéticas.

O alemão Heinrich Hertz criador de dispositivos emissores e detectores de ondas de rádio batiza a unidade de medida de frequência: Hertz (Hz). Onde a frequência corresponde a número de ciclos por segundo, ondas mais curtas têm frequência mais alta e um comprimento mais baixo, já as ondas de frequência mais baixa inversamente têm um comprimento de onda maior.

De acordo com a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, o rádio se popularizou no Brasil em 1922 com a demonstração do novo equipamento durante as comemorações do centenário da independência. Porém a operação teve início apenas em 1923, com a chegada do transmissor a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, futuramente a PRA-2. Como esclarece Luiz Artur Ferraretto e Marcelo Kischinhevsky (Enciclopédia Intercom de Comunicação, v. 1, 2010, p 1009-10):

Meio de comunicação que transmite, na forma de sons, conteúdos jornalísticos, de serviço, de entretenimento, musicais, educativos e publicitários. Sua origem, no início do século 20, confunde-se com a de, pelo menos, outras duas formas de comunicação baseadas no uso de ondas eletromagnéticas, para transmissão da voz humana a distância, sem a utilização de uma conexão material: a radiotelefonia e a radiocomunicação. No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma da fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada.

De acordo com Calabre (2004), o rádio chega ao Brasil com o objetivo de aumentar o nível intelectual e cultural da população “O rádio foi lançado no Brasil por um grupo de intelectuais que via no veículo a possibilidade de elevar o nível cultural no país” (CALABRE, 2004, p. 21).

O rádio é o meio de comunicação que resiste ao tempo e se mantém usual no cotidiano da população. A mais recente Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM), realizada pelo Governo Federal em 2016, para identificar os meios mais utilizados pela população, indica que a nível

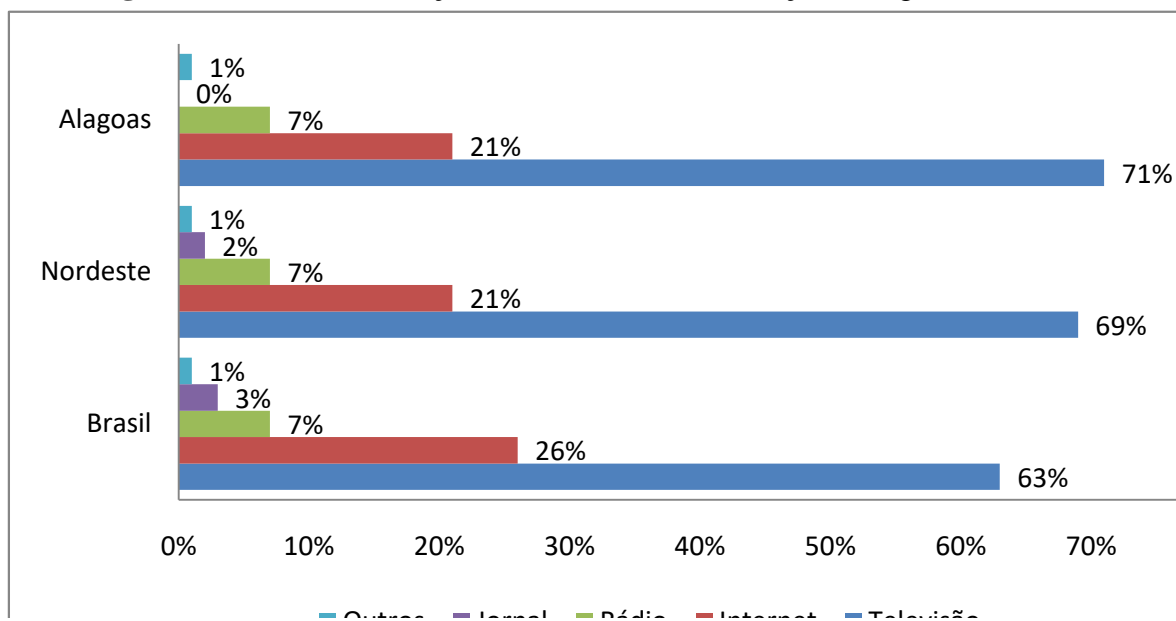
nacional o rádio é o terceiro meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros (7%), ficando atrás da Televisão (63%) e da internet (26%). Se comparado diretamente a outros meios, o rádio é utilizado por cerca de 30% da população (49% utilizam internet e outros 89% televisão). A forma de consumir também chama atenção: 63% têm aparelhos tradicionais em casa, 17% utilizam pelo celular e 14% no carro.

E quando trazemos esses dados para a região Nordeste, o rádio não sofre alteração e mantém 7% de uso. A televisão segue em primeiro com um aumento percentual (69%) e a internet continua em segundo lugar com 21%.

A pesquisa mostra que no estado de Alagoas, os meios não trocam de posição a TV continua como o primeiro meio mais utilizado, com 71%; a internet cai novamente para 21% e o rádio mais uma vez se mantém com 7% como terceira mídia mais acessada. Ou seja, em algum momento do dia o brasileiro está com seu rádio no estado alagoano, um total de 223.240 mil pessoas estão ligadas as ondas do rádio.

Fica registrada uma constância na utilização do meio radiofônico se comparado aos principais meios utilizados (televisão e internet) nacional e regionalmente, ou seja, um meio barato, acessível, com grande potencial de expandir suas vertentes e proporcionar a pessoa com deficiência maior inclusão no quesito “acesso à informação”.

Figura. Número de utilização dos meios de comunicação na região Nordeste.



Fonte: (Pesquisa Brasileira de Mídia 2015).

2.2 Radiojornalismo

O setor de jornalismo começa a funcionar nas rádios brasileiras com a proposta de levar a informação de forma mais rápida e ágil aos ouvintes, onde matérias produzidas por jornais impressos eram transmitidas e comentadas ao vivo no rádio facilitando o acesso e entendimento do público. Na época, em meio à crise econômica e política enfrentada pelo país e o mundo (1940), o radiojornalismo ganha espaço no papel de manter a população informada sobre tudo o que acontecia ao redor do mundo, principalmente atualizações da segunda Guerra Mundial.

Ao perceber os números conquistados em audiência, grandes empresas passam a investir em emissoras de rádio, os pontos de audiência e conquista de ouvintes é maior e mais expressiva que a de leitores por parte do jornalismo impresso. Ainda na década de 1930, o jornal O Globo já estava no controle da Rádio Transmissora do Rio de Janeiro, onde surgem a Rádio JB do grupo Jornal do Brasil e a Rádio Tupi do Rio de Janeiro pertencente aos Diários Associados.

Na década de 1950, a televisão começa a chegar às casas dos brasileiros e o rádio precisava inovar para não perder a credibilidade conquistada, é a partir disso que surge o modelo em tempo real de produções próprias de matérias e entradas ao vivo dos repórteres nas ruas diretamente do fato.

Del Bianco (2005, p.155) indica o rádio como “uma tecnologia que fortalece a conexão do homem com o grupo, com a comunidade, que foi capaz de reverter rapidamente o individualismo do homem tipográfico para o coletivismo”. Como já citado, o rádio dá a possibilidade de ampliar o alcance do público e levar mensagens informativas a população de forma geral sem nenhum tipo de distinção de classes.

2.3 Linguagem e elementos do rádio

Com conceito simples e direto, o rádio se apresenta como um meio dinâmico e de fácil acesso. Para Balsebre (1994) o rádio cumpre três funções, sendo um meio de expressão, de comunicação e de difusão, onde existe um ciclo básico contendo mensagem, emissor e receptor. Onde é possível utilizar diferentes elementos para enviar a mensagem e a decodificação da mesma não exige grandes esforços. Seja em uma publicidade, musical ou

conteúdo jornalístico, o meio rádio se encuba facilmente da missão de transmitir para determinado fim.

A linguagem radiofônica engloba o uso da voz humana (em geral, na forma da fala), da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, atuando isoladamente ou combinados entre si. Cada um deles apresenta múltiplas aplicações, papéis e variantes. Podem ser utilizados, conforme o contexto, de diversos modos e em diferentes níveis pelo ouvinte, direcionando-se ao seu intelecto, no que expressa como algo mais concreto, e à sua sensibilidade, naquilo que pense mais para o abstrato. (FÁRRARETO, 2014, p.26)

O estreitamento que o rádio proporciona entre o ouvinte e o locutor é uma ferramenta fundamental de inclusão, visto que o discurso claro, direto, informal e descritivo da linguagem semiótica do rádio dá margem para a criatividade, imaginação e independência da pessoa enquanto ser, sem a necessidade de grandes recursos intelectuais para recepção das informações.

Para Amanda Brito (2017), que realizou uma verificação dos graus de acessibilidade nos meios de comunicação, a única ferramenta que garantiu entendimento, integração e inclusão, porém ainda de maneira pouco explorada, foi a radiocomunicação.

O rádio é um meio pouco explorado nessa seara da acessibilidade, porém, é repleto de propriedades que contemplam a usabilidade de uma obra com utilidade pública. Analisar as produções radiofônicas a fim de atestar que o uso dos elementos de sua linguagem, juntos, gera um produto com alta comunicabilidade. (BRITO, 2017, p. 12)

Integrar os meios também pode levar a inclusão do portador de deficiência - o meio se adequando ao indivíduo. O professor português, Luís Bonixe, ao analisar a migração do rádio para a internet, em Portugal, mostrou como utilizar a instantaneidade, descritividade, efeito sonoro e o fácil acesso da radiocomunicação são uma grande vantagem, comparado aos outros meios. A integração dos meios pôde gerar um resultado satisfatório no quesito acessibilidade, a fim de encontrar um novo público-alvo e ainda atender a legislação.

As mídias tem aqui um papel fundamental, não apenas no sentido de promoverem o acesso de todos aos seus conteúdos, mas também, e provavelmente de maior importância, criar modelos e formatos que proporcionem a autorrepresentação da pessoa com deficiência através dos meios de comunicação. (BONIXE, 2017).

Ao analisar o rádio enquanto meio difusor e inclusivo, Brito (2017) identificou uma alternativa para a falta de acesso à informação das pessoas com deficiência. Para o deficiente visual utilizar os efeitos sonoros, para os deficientes auditivos encontrar uma maneira alternativa da convergência dos meios tornando acessível a informação através da web rádio.

Ou seja, temos um meio de comunicação variável que tem se adaptado as novas invenções e continua com o mesmo alcance e capacidade de informar, além de ser economicamente viável.

Para o rádio não há normas, diretrizes e nem incentivo para que as emissoras sejam utilizadas como recurso de acessibilidade. Porém, durante o estudo, foram compreendidos os inúmeros benefícios que esta mídia sonora pode garantir não somente às pessoas com deficiência visual, mas também aos idosos, analfabetos e pessoas com deficiência intelectual. As propriedades do som despertam natural interesse desse público como uma possibilidade de acesso a informação. Por isso, as produções feitas em formatos visuais como, textos, imagens, apresentações teatrais, entre outras, quando projetadas utilizando todos os aspectos que a linguagem radiofônica permite, se transformam em recurso de acessibilidade ao produto. (BRITO,2017, p. 17)

Del Bianco (2005, p.154) reforça que, “ao produzir imagens auditivas, o rádio cria um ambiente totalmente inclusivo e absorvente que propicia às pessoas um mundo particular em meio às multidões”. Visualizar o rádio como uma ferramenta de acessibilidade vem da ampla possibilidade de se trabalhar o roteiro, locução e sonorização estimulando o ouvinte e o puxando para uma conversa dinâmica, em direta comunicação com o mesmo.

A jornalista e escritora Cláudia Werneck (1997) defende há mais de 20 anos a acessibilidade dentro dos meios de comunicação em sua única forma: informar e informar para todos. Na própria análise ela considera que a veiculação de informações na mídia ainda é falha e deve se tornar acessível de fato, já que acessibilidade vai muito além de readaptações em vias, prédios e transporte.

Ter uma comunicação acessível também é essencial para a inclusão de deficientes físicos e intelectuais na sociedade. É tão fora do propósito você achar natural que as pessoas com deficiência fiquem sem conteúdo, fiquem sem saber do que está acontecendo. As pessoas com deficiência, principalmente visual e auditiva, vão ficando numa situação de muita desvantagem, que faz com que elas fiquem com mais dificuldade de tomar decisões. E a falsa impressão que se tem é que apenas elas são prejudicadas, mas na verdade não. Uma parcela tão grande da população brasileira tem deficiência. Então, se essa parcela é prejudicada, toda a população é prejudicada. (WERNECK, 1997, p.34)

Por ser um meio de comunicação de baixo custo e forte alcance dentro e fora de qualquer cidade, considerando as dificuldades de acesso à informação, existentes no país, o rádio se torna o meio de comunicação mais viável para aproximar o público das experiências de uma pessoa com deficiência, assim como adaptar o meio aos portadores de deficiência, contribuindo não só com representação, mas também inserção desse público no instrumento comunicador.

2.4 As formas de apuração da notícia

Com o passar do tempo e o aumento das emissoras de rádio no país a segmentação do público e a forma de apuração dos fatos se tornaram as principais ferramentas para manutenção e credibilidade junto ao público. As inovações tecnológicas também foram fundamentais já que não exigiam a necessidade de grandes equipamentos para transmitir notícias em tempo real. Seguindo o modelo argentino, as emissoras de rádio brasileiras (como a Bandeirantes em 1950) implementam a transmissão 24 horas de notícias.

Com uma programação segmentada voltada para o esporte e o jornalismo, a Rádio Panamericana busca conquistar um público mais jovem e ganha o nome Jovem Pan de São Paulo agregando segmentos sociais, políticos e econômicos. Em 1970, a emissora paulista opta por desenvolver um jornalismo dinâmico (sempre presente diante dos fatos) e mais participativo tornando o ouvinte mais que um receptor, um atuante crítico dos fatos. Ela se torna modelo com a criação do Manual de Radiojornalismo da Jovem Pan.

O ouvinte Jovem Pan é consumidor esclarecido. Participante e inconformista. Conhece os direitos do cidadão e briga por eles [...] Quer torná-la pública, como pressão ao órgão competente [...] O cidadão reage, agita-se, reclama e a Jovem Pan, no ar ou em off, lhe dá a palavra [...] O ouvinte da Jovem Pan exige qualidade de vida, salário digno, educação e saúde pública para os filhos, quer escolher seus governantes e manifesta todos estes anseios na busca da informação (PORCHAT, 1993, p. 14).

Outra importante emissora que transformou a forma de levar informação pelas ondas do rádio foi a CBN, Central Brasileira de Notícias. Inaugurada em 1990, a rede adota o formato norte-americano de *all News*, com jornalismo 24 horas por dia. Seu sistema de transmissão em rede distribuída em vários estados brasileiros e a abertura da participação popular permitiu o reconhecimento e aumento da credibilidade.

A emissora passou a segmentar os programas e, para isso, contratou profissionais com especialidades em diversas áreas para dar aos ouvintes informações mais precisas sobre os mais variados assuntos. Entre os contratados estavam nomes de peso como Mirian Leitão, Franklin Martins, Juca Kfourri, Carlos Alberto Sardenberg e Arnaldo Jabor que passaram a fazer parte da programação diária da CBN, trazendo informações e comentários que davam ao ouvinte uma melhor compreensão sobre os assuntos abordados. (GOMES; SANTOS, 2017, p.35)

Ou seja, o potencial de alastre do rádio cresce em meio a seu imediatismo em busca da notícia associado a credibilidade do meio.

2.5 A construção da reportagem

A reportagem no meio radiofônico ganha por suas diversas possibilidades na utilização de sons desde o ambiente, passando pela narração à aplicação de fundos musicais, uma variação que perpetua entre o jornalismo e literatura a depender da intenção do locutor. Tudo pode ser utilizado para estimular e sensibilizar o receptor da informação, uma mistura considerada como novo jornalismo que foge do tradicional texto restrito às falas do repórter.

Suzana Herrera Damas, especialista e estudiosa do gênero reportagem radiofônica define a matéria de rádio como uma “representação da realidade”.

Monólogo radiofônico procura narrar e descrever fatos e ações de interesse para o ouvinte, proporcionando um contexto de interpretação amplo nos conteúdos e um uso rico de fontes e variado nos recursos de produção, e cuidado e criativo em sua construção estética. (MARTINÉZ-COSTA E UNZUETA, 2005, p.114)

Além de definir a reportagem no rádio convida a identificar características específicas desse meio de comunicação que podem ser produzidas segundo seu conteúdo que pode vir a ser de caráter narrativo-descritivo dos fatos, informativo, inspiração factual, versatilidade temática e maior profundidade. Os recursos utilizados pelo repórter, como variedade estrutural do texto, monólogo, expressividade, originalidade e estilo pessoal.

As condições de produção das matérias (gravadas, emissão constante na emissora e extensão), integração na programação de grade, técnicas de realização (ao vivo, gravada ou mista) e locais de emissão (entrevistas em estúdio ou in loco) são alguns dos pontos que classificam as reportagens e de acordo com suas características podem ser utilizadas pelo interlocutor para chegar ao seu objeto final.

Para Damas, a construção de um bom produto trata das fases de elaboração da reportagem de rádio: sua estrutura (abertura, desenvolvimento e encerramento); questões de estilo (redação, presença do narrador, tratamento do espaço, ritmo, ordem, duração e frequência). Elementos que utilizados na medida certa contribuem para manter a atenção do ouvinte e levar a devida informação.

3. JUSTIFICATIVA

Em todo o corpo da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência o principal objetivo é garantir que qualquer cidadão portador de deficiência tenha condições de “viver de maneira independente e exercer seus direitos de cidadania e participação social”, incluindo o acesso à informação.

Art. 3º Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se:
V - comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações. (Brasil, 2015)

O conceito de Pessoa com Deficiência (PCD) no Brasil passou por diversas alterações que variaram desde a particularidade do indivíduo, ao meio social em que está inserido. O primeiro conceito instituído no país veio por meio da Lei Orgânica de Assistência Social (1993) definia o deficiente como pessoa incapaz para o trabalho e a vida independente.

Em 2004, o Decreto nº 5.296 que regulamenta a Política Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência ampliou a definição para “toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano”.

Realizada em 2008 e com aprovação do Brasil, a Convenção Sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência amplia essa definição baseada além dos critérios médicos, no contexto social. A Convenção reconhece a deficiência como um “conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas”.

Com um conceito ampliado, em 2015 é instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, chamado Estatuto da Pessoa com Deficiência adequou a legislação brasileira a Convenção aprovada sete anos antes.

Diferentemente da primeira definição que colocava a pessoa com deficiência como incapaz a atualização do conceito trouxe o avanço para discussão de políticas que quebrem as barreiras em sociedade para que haja igualdade de acesso aos direitos básicos de qualquer

cidadão (saúde, trabalho, educação...). Fávero (2012) acredita que o antigo conceito seguia um caminho retrógrado a esse movimento social em que se baseia o atual conceito legal.

[...] fez muito mal, pois definiu capacitada para a vida independente e para o trabalho (art. 20, §2º). Tal definição choca-se, frontalmente, com todo o movimento mundial pessoa com deficiência, para efeito deste benefício, como aquela pela inclusão da pessoa com deficiência. Num momento em que se procura ressaltar os potenciais e as capacidades da pessoa com deficiência, por esta lei, ela deve demonstrar exatamente o contrário [...]. Muitos pais acabam impedindo seus filhos com deficiência de estudar e de se qualificar, justamente para não perderem o direito a esse salário mínimo. (FÁVERO, 2012, p. 209)

Ao ampliar o novo conceito de pessoa com deficiência, também é ampliada sua discussão em torno da sociedade. A Convenção da Organização das Nações Unidas (2001) proibiu o retrocesso não só desse conceito, mas ainda dos direitos desses deficientes. Fonseca (2008) considera que ao entender a deficiência como algo pertencente à sociedade e não à pessoa, as obstruções tornam-se o fator excludente.

Os impedimentos de caráter físico, mental, intelectual e sensorial são, a meu sentir, atributos, peculiaridades ou predicados pessoais, os quais, em interação com as diversas barreiras sociais, podem excluir as pessoas que os apresentam da participação da vida política, aqui considerada no sentido mais amplo [...]. (FONSECA, 2008, p.24)

Após vários debates acerca da inclusão dos PCDs o país conquista avanços ao enxergar o deficiente como cidadão capaz de estar inserido na sociedade, desde que lhe seja dado acesso e reconhecimento enquanto ser independente e capaz.

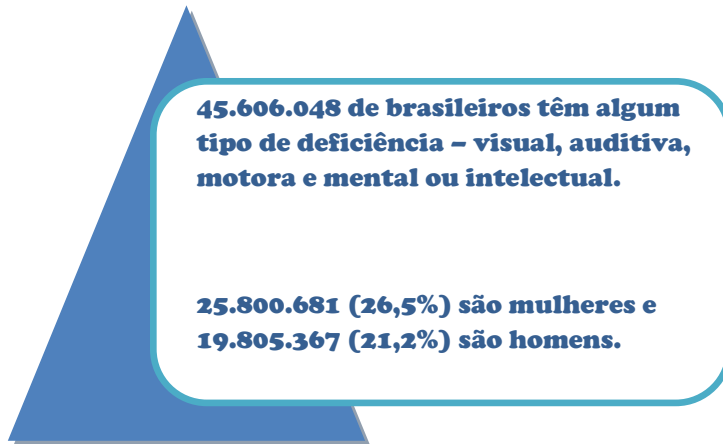
A classificação dos tipos de deficiência está explícita no Decreto 5.296 do ano de 2004 que regulamenta as leis 10.048 e 10.098/2000. Esse decreto é muito utilizado no meio habitual para que possamos estabelecer quem são exatamente essas pessoas e qual o nível de sua deficiência. O decreto estabelece em seu Artigo 5, Parágrafo 1º, as seguintes classes para pessoas portadoras de necessidades especiais e deficiências: física e/ou motora, auditiva, visual, intelectual.

3.3 Os números da deficiência pelo país

O último censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE) traz números sobre a distribuição de pessoas com deficiência em regiões e estados brasileiros, proporção em área urbana e divisão por gênero e idade. Entre os principais números está a população total com algum tipo de deficiência (23,9%), em sua maioria mulheres com 26,5% e os homens com cerca de 20%. Desse total mais de 38 milhões de

peças vivem em áreas urbanas e mais de 7 milhões em áreas rurais.

Figura1. Pirâmide números da pessoa com deficiência no Brasil.



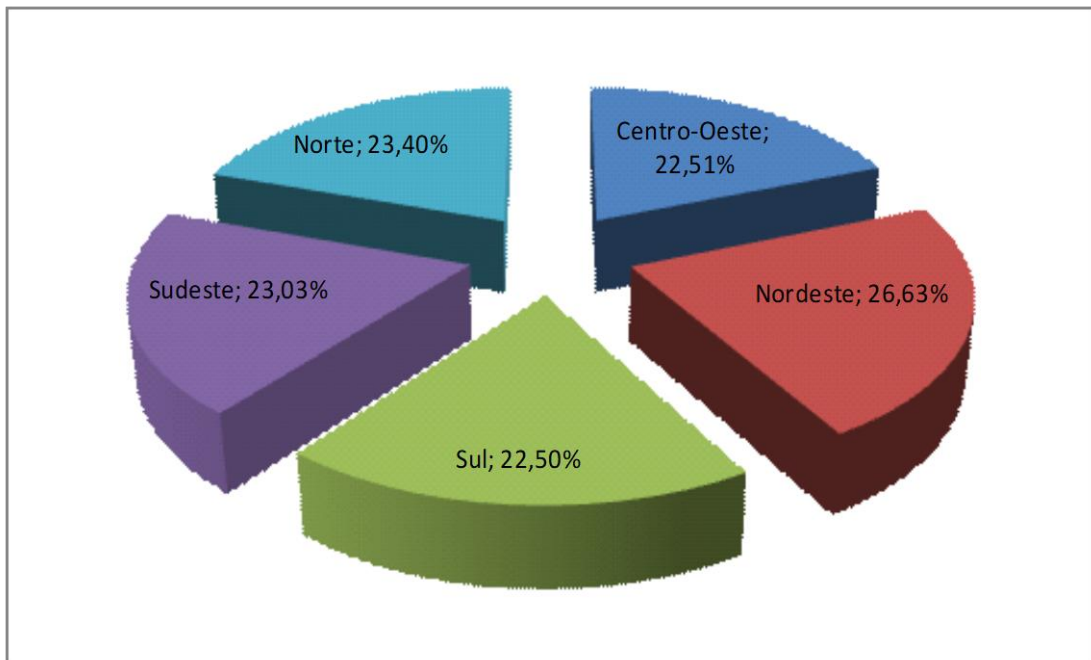
Fonte: (Cartilha do Censo 2010 da Pessoa com Deficiência, 2012.)

De acordo com o Censo (2010), a deficiência visual tem a maior incidência no país com 18,60%, seguida pela deficiência motora (7%), auditiva (5,1%) e intelectual (1,4%).

A Região Nordeste teve a maior taxa de pessoas com pelo menos uma das deficiências (26,3%), tendência registrada desde o Censo de 2000, quando a taxa foi de 16,8% e a maior entre as regiões brasileiras.

Os estados do Nordeste têm o fator comum de estarem acima da média nacional (23,9%) com maior incidência de pessoas com algum tipo de deficiência. Já as menores taxas foram identificadas nas regiões Centro Oeste (22,51%) e Sul (22,5%). Como a Cartilha do Censo 2010 da Pessoa com Deficiência (2012 p.11) considera aspectos sociais para analisar os dados, conclui-se que os números “corroboram a tese de que a deficiência tem forte ligação com a pobreza e que os programas de combate à pobreza também melhoram a vida das pessoas com deficiência”.

Figura 02. Proporção da população com deficiência investigadas por grandes regiões.

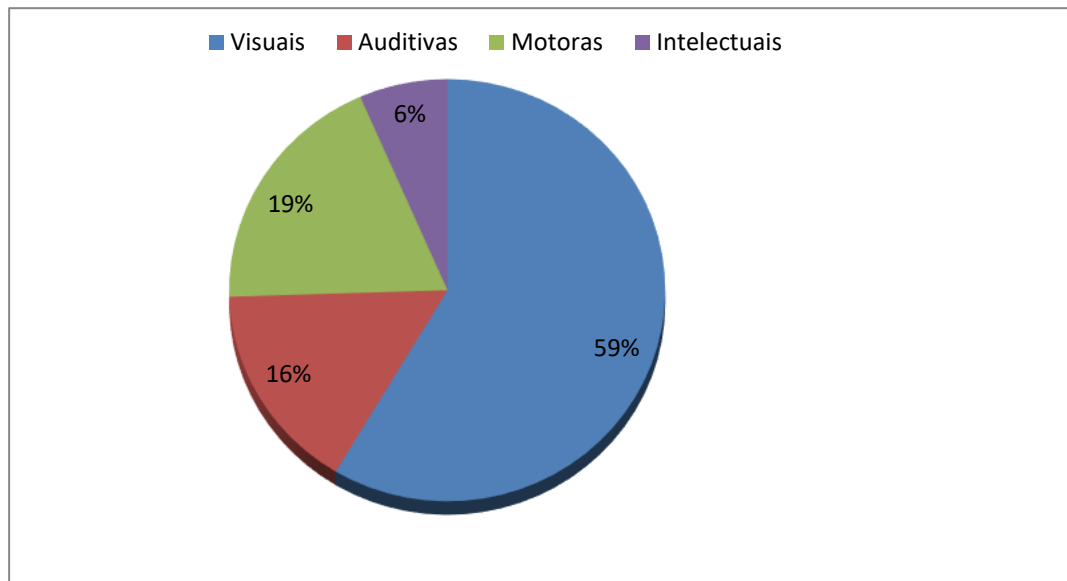


Fonte: (Cartilha do Censo 2010 da Pessoa com Deficiência, 2012).

3.3.1 Os dados da deficiência em Alagoas

Ainda de acordo com o Censo 2010 realizado pelo IBGE, Alagoas segue a média regional e também está acima da média nacional (23,9%), com 27,54% de pessoas que possuem ao menos uma das deficiências. Os números revelam que existe um total de 859.515 deficientes no estado, sendo 536.248 visuais, 146.056 auditivos, 173.545 portadores de algum tipo de deficiência motora e 59.954 intelectuais.

Figura 03. Números da população com deficiência no estado de Alagoas.



Fonte: (IBGE, 2010.)

Com base nos dados do Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB, 2013) do Ministério da Saúde, Maceió aparece com uma média de 1.049 casos de deficiência a cada 100 mil habitantes. Número acima da média nacional (981casos/100mil habitantes).

3.4 O acesso aos direitos e igualdade em sociedade

Em 2011, a OMS e o Banco Mundial divulgaram o Relatório Mundial sobre a Deficiência. Foram realizadas pesquisas em mais de 70 países em diferentes continentes, analisando aspectos do acesso aos direitos básicos de todo cidadão, em especial aqueles portadores de deficiência (saúde, reabilitação, assistência e suporte, trabalho e emprego, e educação).

Margaret Chan, diretora general da OMS e Robert Zoellick, presidente do Banco Mundial, reforçam que todas as questões levantadas podem ser comprovadas por meio de dados analisados em diferentes países.

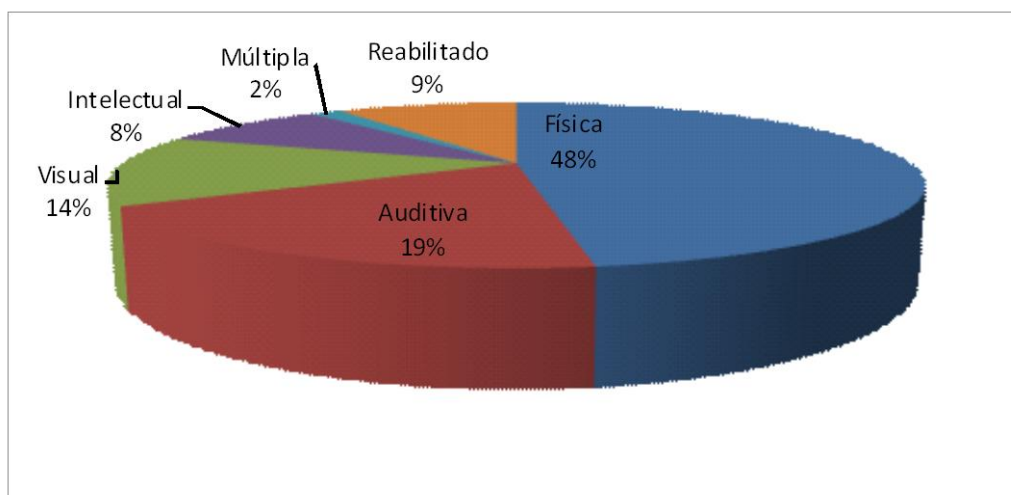
Em todo o mundo, as pessoas com deficiência apresentam piores perspectivas de saúde, níveis mais baixos de escolaridade, participação econômica menor, e taxas de pobreza mais elevadas em comparação às pessoas sem deficiência. Em parte, isto se deve ao fato das pessoas com deficiência enfrentarem barreiras no acesso a serviços que muitos de nós consideramos garantidos há muito, como saúde, educação, emprego, transporte, e informação. Tais dificuldades são exacerbadas nas comunidades mais pobres. (CHAN; ZOELLINCK, 2012, p. 7)

De acordo com Rogério Roque (2000), do Instituto São Tomaz de Aquino, existem diferentes dimensões da exclusão social que acontece a partir da não realização de capacidades e competências categorizadas em seis níveis: ser, estar, fazer, criar, saber, e ter.

Competências do SER, ou seja, competências pessoais: reforço de autoestima e da dignidade; Competências do ESTAR, ou seja, competências sociais e comunitárias: reativação ou criação das redes... ou desenvolvimento das interações sociais; Competências do FAZER, competências profissionais: qualificações profissionais, aprendizagem de tarefas socialmente úteis; Competências do CRIAR, ou seja, o que podemos designar por competências empresariais: capacidade de sonhar e de concretizar alguns sonhos, assumindo riscos, protagonizando iniciativas, liderando projetos (mesmo os mais simples) de qualquer tipo; Competências do SABER, informativas: escolarização, outras aprendizagens de saberes formais e informais, desenvolvimento de modelos de leitura da realidade e de capacidade crítica, fundamentação das decisões; Competências do TER, consubstanciadas no que se poderia apelidar de competências aquisitivas: acesso a um rendimento e sua tradução em poder de compra, capacidade de priorizar e escolher consumos. (ROGÉRIO, 2000. p. 9)

As barreiras excludentes ainda estão presentes em diferentes serviços, produtos e direitos que têm o poder de integralizar e incluir qualquer cidadão. Ao analisarmos, por exemplo, os números disponibilizados pelo Ministério do Trabalho em 2017, com relação à inserção de PCDs no mercado profissional, o percentual de ocupação das vagas de emprego está abaixo da metade. Entre empregadores privados, sociedade de economia mista e empresas públicas, das 756.125 vagas ofertadas para pessoas com deficiência, apenas 48% foram ocupadas.

Figura 03. Proporção de vagas ocupadas por tipo de deficiência.



Fonte: (Ministério do Trabalho, 2017)

Mesmo com a Lei 8213/91 que determina que empresas com quadro acima de 100 funcionários obrigatoriamente incluam de 2% a 5% dos cargos com profissionais reabilitados ou pessoas portadoras de deficiências habilitadas, existe uma série de falhas em todos os setores da sociedade, passando pela educação, suporte assistencial, saúde até a reintegração, o que acarreta na exclusão e impotência social do indivíduo.

Para o consultor em inclusão Romeu Sasaki (2003) uma sociedade se torna acessível ao eliminar barreiras: no ambiente, nas formas e técnicas de estudo, trabalho, ação comunitária e na comunicação interpessoal; quando possibilita a todos o uso de instrumentos, utensílios e ferramentas de estudo, de lazer e de trabalho.

Na busca por efetivar atender demandas e direitos básicos de diversos grupos sociais, como mulheres, negros, crianças e adolescentes, indígenas e pessoas com deficiência, 32 países integrantes da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (1948) reafirmaram o Consenso de Montevideu sobre População e Desenvolvimento (2018).

O acordo intergovernamental reforça que os países desenvolvam com maior celeridade as medidas e políticas públicas nacionais de forma prioritária por meio da distribuição adequada “de recursos, da criação e do fortalecimento de mecanismos institucionais para sua implementação e acompanhamento”. Assim como a continuação de iniciativas para “garantir o exercício dos direitos humanos e dignidade dessa população”.

Sasaki (2003) compreende que numa sociedade acessível não há espaço para barreiras embutidas em políticas públicas e normas ou regulamentos, sem preconceitos, estereótipos e discriminações. Há uma atenção voltada para acolher toda diversidade de modos de ser e existir presentes na espécie humana.

Como país integrante do Consenso de Montevideu, o Brasil realizou uma nova análise sobre os dados referentes aos progressos alcançados no país e divulgou o Panorama Nacional e Internacional da Produção de Indicadores Sociais (2018), para “contribuir na identificação de eventuais lacunas nas abordagens temáticas empreendidas”.

O Panorama (2018) apresentou um novo corte nos dados registrados no último censo realizado em 2010 com relação ao número de pessoas com deficiência no Brasil. O que resultou num novo percentual na incidência de PCDs no país.

Os indicadores sobre esse grupo específico são produzidos através do histórico de definição e classificação dos PCDs; as recomendações mundiais (Organização das Nações Unidas e Organização Mundial da Saúde) no decorrer das últimas décadas; a experiência de outros países na coleta de dados, assim como o histórico do país, referente ao recolhimento das informações.

Utilizando os mesmos dados do último Censo (2010), o IBGE reformulou a interpretação dos números, levando em consideração o formato biomédico da conceituação de pessoas com deficiência, se distanciando da visão social abordada no Censo.

Em 2010, o IBGE analisava o “grau de dificuldade em domínios funcionais centrais para participação na vida em sociedade”, onde o entrevistado avalia suas próprias dificuldades com relação a ouvir, enxergar ou caminhar, numa escala de itens: “nenhuma dificuldade”, “alguma dificuldade”, “muita dificuldade” e “não consegue de modo algum”.

Anteriormente (Censo 2010) foram contabilizadas as pessoas que responderam ter algum tipo de dificuldade em pelo menos um dos quesitos. Já no Panorama foram analisados os mesmos dados considerando apenas dois grupos de pessoas: aquelas que têm “muita dificuldade” ou “não conseguem de modo algum”.

Outro fator adaptado durante a avaliação está relacionado a dificuldade da pessoa em enxergar. Um trecho da pergunta passou a ser orientação auxiliar. No texto original, a pergunta proposta é “Você tem dificuldade de enxergar, mesmo usando óculos?”. Enquanto no Censo: “Tem dificuldade permanente de enxergar? (se utiliza óculos ou lente de contato, faça sua avaliação quando os estiver utilizando)”.

A nova margem de corte adotada com o Panorama (2018) coloca a proporção de pessoas com deficiência no Brasil em 6,7%, número distante do registrado anteriormente que era de 23,9%, mas próximo dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) realizada em 2013 onde a estimativa era de que o percentual de pessoas com deficiência fosse de 6,2. A PSN também destacou o modelo biomédico do conceito para analisar os dados.

3.4.1 A inclusão e integração

Quando abordamos a perspectiva de como tornar o meio mais acessível, ou como trazer o cidadão para ser um participante ativo e independente do meio, falamos sobre

inclusão e integração. Duas palavras que trazem conceitos importantes para a discussão social acerca da deficiência envolvendo três agentes principais: o meio, a pessoa e a adaptação.

A integração entende que as pessoas devem estar prontas ou dispostas a se adequar para fazer parte de determinado grupo. Ou seja, são segmentadas de acordo com suas condições físicas e sociais para que exista uma maior inserção, o que leva a uma tendência em disfarçar suas limitações.

O adjetivo integrador se refere à busca de qualidade em estruturas que atendem apenas às pessoas com deficiência consideradas aptas, como escolas e empresas integradoras.

Segundo o Manual da Mídia Legal (2003), criado pela Escola de Gente – Comunicação em Inclusão, dentro da integração as pessoas com deficiência têm que se adaptar à realidade existente na sociedade, e esta por sua vez, realiza alguns ajustes. No conceito integrador, as pessoas com deficiência dão maior destaque às qualidades num sistema compensatório para falta de outras capacidades.

E quando partimos para a inclusão, falamos sobre a inserção total e incondicional de todas as pessoas, entendendo que existem as diferenças e particularidades, e que não devem ser julgados para que possam ser aceitos pelo meio em que vivem.

Segundo a jornalista Claudia Werneck (2003) na inclusão existe um choque entre “ética da diversidade” e “ética da igualdade”. Na igualdade temos a valorização do que as pessoas têm em comum, o que permite a construção de uma hierarquia de condições humanas e conseqüentemente estabelecemos a categoria do “diferente”. Já na diversidade entendemos que a humanidade possui e encontra milhares de formas de se manifestar.

Portanto, não se deve admitir a comparação entre diferentes condições humanas, nem o privilégio em detrimento de outras. Nessa concepção, diante da sociedade, os seres humanos terão o mesmo valor, independente do seu modo de ouvir, andar, enxergar ou pensar.

A deficiência seja ela física motora ou mental ainda é um tema pouco debatido na mídia e como receptor (ouvinte, telespectador, internauta) de informação dos meios de comunicação. Apesar de existir bastante conteúdo acerca da Pessoa Com Deficiência (PCD) a ser veiculado na TV, no jornal ou na rádio pouco espaço é dado a esse segmento que convive

diariamente com a falta de acessibilidade, segregação social, baixa oportunidade de educação, saúde e emprego na capital alagoana.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (2010) mostram que Alagoas está acima da média nacional de casos com pessoas portadores de algum tipo de deficiência e a capital alagoana, Maceió, acompanha as estatísticas. Mesmo com os índices altos, a ausência de políticas públicas voltadas para esse grupo social reflete em diferentes serviços e setores.

Através do rádio, um dos meios de comunicação de maior alcance, e aproveitando a convergência das mídias para incluir a web rádio como uma ferramenta acessível, será evidenciada a realidade do indivíduo com deficiência na capital alagoana. Serão abordadas possíveis soluções para excluir as barreiras existentes em diferentes serviços e setores que hoje segregam PCDs. Vamos dar espaço na mídia mostrando os diferentes pontos de vista e desafios enfrentados dentro do município.

A segregação desde a infância, as dificuldades para ter acesso à educação, consequentemente para atender os critérios e exigências das vagas de emprego, assim como a negativa por parte das empresas em contratar um funcionário que geraria custos são temas abordados dentro da série de reportagens explanando as deficiências motoras, auditivas, visuais, mentais ou intelectuais.

Por meio da série de reportagens produzida, o público poderá conhecer como a pessoa com deficiência se enxerga, como é nascer e/ou se adaptar a deficiência e também a sociedade que está despreparada para lidar com aquele ser que foge dos padrões, além de conhecer histórias de superação de sobreviventes.

Por estes e outros motivos, optei, tendo como principal objetivo, ouvir e repercutir as vivências e adversidades dos cidadãos que estão em maior vulnerabilidade nessa temática da deficiência, prestando-lhes o serviço de informar.

4. OBJETIVOS

4.1 GERAL:

Produzir uma série de reportagens abordando diferentes aspectos do cotidiano de uma pessoa com deficiência, como o próprio nome diz apresentar os desafios enfrentados por elas. Foram produzidas quatro matérias produzidas sobre a deficiência em si (seja ela motora, intelectual, auditiva), primeiros contatos com a educação especial, inserção no mercado de trabalho e o esporte como ferramenta agregadora.

4.2 ESPECÍFICOS:

- Apresentar aos ouvintes histórias de superação de pessoas que enfrentaram constrangimentos e conquistaram independência;
- Alertar sobre a necessidade de novas políticas públicas e conscientização para entender o que a deficiência e como deve ser enxergada.
- Mostrar o ponto de vista das pessoas com deficiência e esclarecer quais os conceitos errôneos enxergados pela sociedade.

5. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho, realizado entre os meses de junho e dezembro de 2019, busca descrever por meio de uma série de reportagem radiofônica o dia a dia, experiências exitosas e negativas, a história de vida e superação, dados estatísticos referentes a direitos básicos e ocupação em diferentes áreas por pessoas com deficiência que moram em Maceió. Dessa forma foram produzidas quatro reportagens abordando os principais tópicos elencados junto às instituições que prestam assistência aos deficientes maceioenses.

O ponto de vista da pessoa portadora de deficiência física, mental ou visual, assim como a visão dos profissionais que trabalham e da família que convive com os PCDs na capital alagoana é evidenciado ao longo da produção jornalística. São abordados temas como o questionamento sobre as políticas públicas na área da educação, saúde e mercado de trabalho, se esse acesso é facilitado aos PCDs, quais as formas de conviver com a deficiência sem que “atrapalhe” sua rotina e cotidiano; e quais as atividades que contribuem para a adaptação no processo de aceitação da deficiência.

Para a construção das reportagens radiofônicas dentro do tema foram entrevistadas pessoas que nasceram com algum tipo das deficiências citadas ou que adquiriram ao longo da vida, profissionais (educadores físicos, pedagogos, psicólogos, fisioterapeutas, assistentes sociais) que integram as redes assistenciais em grandes instituições da capital e especialistas que trabalham em órgãos públicos de fiscalização, reintegração, educacional e etc.

As entrevistas foram executadas pessoalmente buscando registrar depoimentos espontâneos e naturais dos entrevistados. Todos concordaram livremente a participar da pesquisa e autorizaram a divulgação de suas entrevistas, seja por meio de assessoria de comunicação ou de maneira informal durante a entrevista.

As entrevistas foram realizadas em blocos. O primeiro reuniu paratletas da Associação de Deficientes Físicos de Alagoas (ADEFAL) que responderam às questões como descobriram ou se adaptaram a sua deficiência, quando e como foram inseridos no paradesporto, o que mudou em sua rotina a partir da prática esportiva. Cerca de seis paratletas da natação e do basquete cadeira de rodas responderam aos questionamentos e compartilharam suas experiências. Ambos os esportes estavam à véspera de competições nacionais o que reforçou a ideia de independência, descoberta da autoestima e integração social que pode ser identificada ao longo da reportagem.

No segundo bloco foram entrevistados professores e mestres que trabalham ou estudam a educação especial em Maceió. A coordenadora de educação especial do município, Cláudia Valério, indicou as ferramentas utilizadas pela gestão pública municipal para garantir o acesso às pessoas com deficiência desde a infância; a mestre em educação inclusiva e educação física adaptada, Neiza Fumes, deu um panorama da ocupação de PCDs no ensino superior; as professoras Márcia Barros e Taciana Damato trabalham diretamente com crianças, jovens e adultos portadores de alguma deficiência e explanaram como realizam as atividades escolares e como se dá o desenvolvimento de cada aluno; e por fim entrevistamos alunos PCDs e seus familiares para saber a experiência dentro da sala de aula.

O terceiro bloco de entrevistados foi composto por jovens e adultos PCDs que estão em busca da inserção, obtiveram vagas ou estão em busca da reinserção no mercado de trabalho mostrando como se dá o processo de procura, quais as dificuldades para encontrar vagas e como se sentem com tantos empecilhos para conquistar emprego; profissionais (de órgão públicos, instituições e associações) que acompanham esse processo relacionado à ocupação das vagas empregatícias na capital alagoana. Os profissionais esclareceram questões ligadas ao motivo das empresas não optarem por contratar PCD, os processos pra reinserir esse empregado PCD na empresa, e o que diz a legislação brasileira nesses casos.

Trazer questões ligadas à saúde foi necessário para entendermos de forma mais clara o que uma pessoa com deficiência enfrenta ao longo da vida, seja aquele que nasce com a deficiência ou adquire com o passar do tempo. Nesse quarto bloco de entrevistas trouxemos o setor responsável pela inserção ou reinserção dos PCDs no ciclo social e conversamos com personagens que recebem apoio assistencial na ADEFAL para entender como se dá o processo e suas experiências.

O quarto bloco foi construído com as histórias dos personagens entrevistados ao longo das reportagens, o que dará a introdução da série especial de reportagens radiofônicas. Um contexto geral e introdutório para entendermos o que é a deficiência e como ela é discutida e abordada em Maceió.

O roteiro e as abordagens de cada entrevista foram elaborados previamente para garantir que o entrevistado e a repórter pudessem se sentir à vontade para falar sobre o tema. O que aconteceu sem maiores transtornos. Durante a execução das entrevistas, utilizei o transporte público e, em algumas vezes, o Uber para me deslocar até os locais previamente

marcados ou durante a realização de palestra, feiras e serviços da capital. A estratégia de percorrer esses eventos foi justamente para facilitar a identificação de personagens interessados em compartilhar suas histórias de vida.

Para gravação utilizei o aplicativo do próprio celular que tem qualidade boa e automaticamente faz a armazenagem das falas dos personagens. A edição da série de reportagens de rádio “Os desafios da Pessoa com Deficiência em Maceió” foi executada pela autora deste TCC. Durante o processo de edição, busquei utilizar ao máximo cada detalhe contado pelos entrevistados ao longo das cinco reportagens. Para a edição das sonoras, utilizei o programa SoundForge Pro 10.0 para manter a qualidade do material e reduzir ruídos, respirações, pausas muito longas e repetições desnecessárias no sentido de dinamizar as falas

Ao todo, foram sete meses de pesquisa, revisão bibliográfica, produção textual, entrevistas, elaboração de reportagens, gravação, edição e apresentação do produto final.

A construção dos textos e aprofundamento do conteúdo para a elaboração da reportagem teve como base os livros *Manual de Radiojornalismo da Jovem Pan (1993)*, de Maria Elisa Porchat; *Manual de Radiojornalismo – Produção, Ética e Internet (2003)*, de Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima; *Gêneros Radiofônicos – os formatos e os programas de rádio (2009)*, de André Barbosa Filho; *Manual de redação CBN (2011)*, com organização de Mariza Tavaré; *Sobre Entrevistas – Teoria, prática e experiências (2006)*, de Stela Guedes Caputo e a *A apuração da notícia - Métodos de investigação na imprensa (2006)*, de Luiz Costa Pereira Junior.

6. DIÁRIO DE BORDO

Após ter contato com um deficiente físico que comercializava guloseimas no transporte público para reunir ajuda de custo a fim de financiar sua ida ao Circuito Caixa de Corrida de Rua, cresceu uma forte curiosidade em saber como aquele cidadão praticava atividades físicas e era capaz de competir em alto rendimento. A vontade de trabalhar a temática esportiva no trabalho de conclusão era antiga, mas a partir do conhecimento da série de adversidades que pessoas com diferentes tipos de deficiência encontravam em seu dia a dia, a ideia acabou se expandindo e construindo os diferentes pontos de vista abordados neste trabalho prático.

Inicialmente decidi concluir o curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), realizando um trabalho prático de telejornalismo que ressaltasse os impactos sociais voltados a maneira como as pessoas com deficiência são enxergadas por seu círculo familiar e social. Mas como as despesas para financiar um projeto audiovisual eram altas, veio a oportunidade de levar o trabalho para as ondas do rádio e também para a podosfera (projeto no formato de podcast).

Ao estudar mais sobre as funcionalidades e linguagem do rádio, ele se mostrou uma forte ferramenta agregadora e de fácil absorção de informações. Sem contar que minha experiência e a facilidade com a edição de áudio, produção e reportagem apresentaram-se ideais para produzir a série de matérias radiofônicas sem nenhum custo, ou maiores dificuldades.

Ao definir o formato do produto, iniciei uma conversa informal com PCDs do meu ciclo de amigos e conhecidos para entender quais os principais problemas identificados por eles na sua rotina, em seu desenvolvimento pessoal e/ou social, seja na em casa, na escola, no trabalho, no lazer. Com esse conteúdo em mãos defini a quantidade e sequência de matérias que poderiam representar de forma verdadeira aquilo que os próprios (PCDs) pontuaram: a deficiência, o acesso e progressão dentro da educação, inserção no mercado de trabalho e o esporte como ferramenta de integralização.

Entendendo que uma única reportagem seria insuficiente para mostrar os desdobramentos da rotina de um PCD, a construção de cinco matérias pontuando cada estágio da vida, desde a infância a fase adulta levou ao título que dá nome ao presente trabalho e

relata de forma clara e direta sua construção e conteúdo: “Os desafios da pessoa com deficiência em Maceió”.

Na elaboração das pautas, procurei inicialmente feiras de serviços, seminários, oficinas e palestras que debatiam temas ligados à educação especial, esporte integrador, acesso do PCD ao mercado de trabalho. Já que são eventos que reúnem profissionais e especialistas da área e facilitaram o acesso a esses agentes e os personagens com os quais trabalham. Com sucesso principalmente na área relacionada ao mercado de trabalho conseguimos personagens de diferentes idades em busca de emprego, assim como profissionais responsáveis pela fiscalização de empresas que ignoram a legislação e não ofertam vagas para PCDs. Dessa forma foi possível colher detalhes de diferentes pontos de vista.

No caso da educação especial, como a ideia era mostrar a progressão do aluno desde o ensino fundamental ao ensino superior, contatamos órgãos municipais para entender como acontece o acesso da criança, jovem ou adulto PCD a rede pública de educação, e núcleos dentro da Ufal auxiliam ou realizam pesquisas acerca da educação especial e o mundo universitário dos portadores de deficiência. O principal contexto nesse tema foi demonstrar como a infantilização ou invisibilidade do PCD interfere em seu desenvolvimento até a vida adulta.

A maior dificuldade dentro da educação especial foi entrevistar portadores de deficiência intelectuais em níveis severos, como autismo ou síndrome de Asperge, já que eles têm maiores dificuldades de interação e comunicação. Por isso, a importância da fala de familiares que vivenciam diretamente desde a primeira infância e o desenvolvimento desse personagem central.

O bloco de entrevistas mais tranquilo e descontraído veio com os paratletas. Como grande parte dos personagens já integra a equipe principal de competição, a autoestima e a consciência da importância do esporte para readaptação ou integração no meio social é facilmente identificada. Acompanhei a rotina de treinamento deles, com interação entre si, como se relacionam com os companheiros de equipe, de outras modalidades e treinadores.

A facilidade de contar detalhes desde como lideram com notícia de ser uma pessoa com deficiência, ou nascer sabendo da sua condição garantiram uma riqueza de detalhes

interessante. Boa parte das sonoras dos paratletas e do técnico foi utilizada na construção da reportagem.

Inclusive consegui durante a entrevista com o pessoal do esporte adaptado consegui acesso ao Centro Especializado de Recuperação (CER) nível 3 que funciona na própria ADEFAL por meio de um convênio com o SUS. Lá os pacientes têm acesso à reabilitação física, auditiva e intelectual com o suporte de nove equipes multidisciplinares composta por diferentes especialidades médicas, educadores físicos, psicólogos, psiquiatras, nutricionistas, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, técnicos de enfermagem, entre outros. Ou seja, foi possível conversar com diferentes profissionais para entender como funciona toda a rede assistencial em torno da pessoa com deficiência. Infelizmente não pude usar todos os profissionais na matéria, pois ficaria muito extensa então busquei a coordenação do CER III para indicar como tudo funciona de uma maneira mais resumida, clara e detalhada – ao mesmo tempo.

A edição da série de reportagens foi realizada pela autora deste projeto. Preservar boa parte das falas para garantir a espontaneidade e realidade enfrentada por eles, foi o principal foco durante a edição. Todo o projeto foi trabalhado no programa SoundForge Pro 10.0 para elevar a qualidade do material e minimizar ruídos, respirações, repetições e um BG (trilha sonora, fundo musical) legal, além de garantir uniformidade entre a cabeça, offs e sonoras. A duração das reportagens de rádio variou entre três e nove minutos.

A série especial foi dividida em quatro reportagens. A primeira parte da série de reportagem radiofônica traz um panorama do que a deficiência representa para um portador. De que formas descobriram ou reconheceram sua deficiência, como foi adquirir ao longo da vida e o processo de adaptação para sua vida e como tiveram acesso às redes assistenciais, resgataram autoestima, e deram continuidade a projetos de vida nesse novo meio.

Já na segunda reportagem, a educação especial é o tema central e busca mostrar como o aluno deficiente começa a ter acesso à aprendizagem e como acontece sua progressão dentro das unidades de ensino público municipal e no ensino superior dentro do Campus A. C. Simões, localizado na capital alagoana. Aqui é possível observar onde começa a infantilização do PCD e a dependência associada à falta de conhecimento familiar e do círculo social para construir a independência do cidadão portador da deficiência. Com o passar dos anos e a inclusão desde pequenos no âmbito escolar e posteriormente na rotina acadêmica os

profissionais perceberam a possibilidade e importância de estimular logo cedo ações que proporcionem independência ao cidadão PCD. E a educação tem papel fundamental na introdução de qualquer ser humano, não seria diferente para o PCD.

Na terceira reportagem, segui uma sequência lógica, entendendo que após concluir os estudos qualquer cidadão busca oportunidade de emprego. Então trago a realidade do mercado de trabalho para a pessoa com deficiência. Após de tantos per causos para conseguir progredir no ensino fundamental, médio e superior, o que acontece ao chegar à busca pelas vagas de emprego? Entender o que diz a legislação sobre as porcentagens que obrigatoriamente devem ser ocupadas por PCDs e como acontece a distribuição de vagas para esse grupo são o centro da reportagem. Por isso a importância de trazer agentes fiscalizadores e personagens que retratem o que de fato acontece nos bastidores das grandes quantidades de postos de trabalho divulgados e uma baixa ocupação por parte de PCDs.

E encerro a quarta e última reportagem mostrando de que forma o esporte é utilizado amplamente como ferramenta para recuperação da autoestima, criação de novos laços sociais e principalmente no desenvolvimento físico e cognitivo do paciente. Todos os entrevistados são da ADEFAL, onde são ofertadas aulas de capoeira, atletismo, basquete em cadeira de rodas e natação. Pela minha proximidade com alguns dos paratletas e o técnico Diego Calado responsável pelas modalidades natação e basquete, centrei nos dois esportes para facilitar as entrevistas.

Nessa última reportagem fica muito claro como o esporte tem o poder agregador em diferentes âmbitos para a pessoa com deficiência, e grande parte dos pacientes que iniciam na prática esportiva com o intuito de reabilitação percebem o potencial para realizar qualquer atividade no seu dia a dia e o resgate de ânimo para enfrentar a vida acadêmica, aproveitar melhor os momentos de lazer ou a jornada de trabalho e ainda as relações familiares e de autoconhecimento. Foi a matéria mais interessante e gostosa de fazer.

A cada tema abordado durante matérias outro fator chamou atenção: a gratidão por estarem sendo ouvidos durante sua rotina, fora de datas comemorativas ou protestos. A possibilidade de poder mostrar e explicar termos utilizados, a situação real de PCDs que não aparece ou ganha espaço na grande mídia. Para se ter uma ideia, no período em que entrevistei o grupo de paratletas de natação e basquete em cadeira de rodas eles estavam prestes a participar de competições nacionais representando Alagoas e nenhum veículo se interessou em cobrir a preparação deles. A outra queixa veio dos profissionais que trabalham

na educação especial pelo fato dos veículos mostrarem apenas exemplos de sucesso sem se dar ao trabalho de identificar o grande todo que busca acesso aos espaços principalmente de educação que pode desenvolver todo o contexto cognitivo e social desde a primeira infância.

Apesar de reconhecermos as dificuldades em diferentes áreas que pessoas com deficiência encontram é fácil identificar o quanto ainda falta para garantir direitos básicos como o de ir e vir, até o acesso ao mercado de trabalho com foi apresentado no preste trabalho. Com a série de reportagens, consegui espaço para debater o tema (deficiência) tratando ponto fundamentais sobre a pessoa portadora.

A preocupação em criar uma ligação que ligasse e desenvolvesse uma sequência entre as reportagens para alcançar de forma direta o público-alvo foi levada em consideração a partir disso surgiu o material central que inspirou a série “Os desafios da pessoa com deficiência em Maceió”.

E trazer as matérias para as ondas do rádio foi também uma maneira de deixar esse material acessível a qualquer cidadão portador de deficiência seja física ou intelectual. Ao analisar mais sobre as funcionalidades do rádio nesse sentido, enxergar as adversidades enfrentadas pelos PCDs pude perceber que a série realmente assume essa potencialidade de integrar num contexto geral independente de deficiências, escolaridade ou status social.

Ao longo do desenvolvimento das reportagens e da presente pesquisa/análise, procurei ser ao máximo conciso, trazer perspectivas diferentes sobre a deficiência numa linguagem simples, direta e que qualquer público pudesse assimilar o conteúdo, considerando que as pessoas ao escutar o rádio executam outras atividades simultaneamente, como caminhar, se alimentar, dirigir e se exercitar – nesse sentido se assemelha a televisão inclusive.

Todo o trabalho foi elaborado de junho de 2019 a dezembro de 2019, totalizando um período de sete meses de pesquisa, revisão bibliográfica, produção textual, entrevistas, construção das reportagens, processos de gravação, edição e posteriormente apresentação. Com todo conhecimento adquirido ao longo da graduação junto à elaboração deste projeto, sinto-me preparado e confiante para atuar e desenvolver qualquer atividade na área do Jornalismo e Comunicação Social.

O diário de bordo foi construído após o recolhimento de informações, entrevistas e edição do produto final.

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a elaboração desta série especial de reportagem radiofônica, que possui quatro matérias, com média de duração entre três e doze minutos, mais de vinte pessoas foram entrevistadas. Foram os seguintes personagens: sete paratletas e reabilitados, um jovem aprendiz, três professoras da educação especial e a coordenadora do setor no município, um professor de educação física/ técnico da seleção da ADEFAL, uma assistente social, dois universitários, um familiar de aluno da educação especial – nível fundamental, fiscal do Ministério Público do Trabalho e a coordenadora do setor de reinserção do trabalhador do INSS.

Iniciando a série de entrevistas, visitei o Centro Especializado de Reabilitação para entender como funciona a rede assistencial e sentir o que passam os pacientes no processo de reabilitação. Lá, conversei com coordenadores e administradores para entender o papel de cada profissional no apoio ao paciente que nasceu com a deficiência ou adquiriu recentemente – o que de acordo com os especialistas têm um nível de complexidade maior para readaptar rotina, costumes e simples ações. O apoio psicológico nesse primeiro momento de reconhecer a condição e lidar com as mudanças é fundamental para garantir que no futuro esse paciente se torne independente.

Ouvi a gestora Cláudia Valéria, responsável pela coordenação geral de educação especial no município de Maceió, que participou do processo de implantação do sistema de matrícula online, que tem como objetivo garantir o acesso de qualquer aluno, independente de classe, cor, gênero ou especialidade. A partir desse sistema foi possível computar um aumento no número de alunos portadores de deficiência na rede municipal de ensino na capital.

Em seguida fui atrás de professores, alunos e familiares para ver se isso realmente existia na prática. Durante as entrevistas eles revelaram que grande parte das unidades ainda coloca barreiras para aceitar aqueles alunos especiais, e que de toda a rede de escolas apenas 46 contam com as salas de recurso, espaço destinado ao trabalho específico com cada criança, jovem ou adulto diagnosticado com deficiência física, auditiva ou intelectual.

O consenso entre todos os professores e familiares foi no sentido de dar a oportunidade, entender as necessidades e trabalhar a independência do aluno especial. Outro ponto importante colocado durante a entrevista na Escola Municipal Frei Damião foi que as crianças e adolescentes não enxergavam como barreiras as deficiências e procuravam integrar o aluno a classe, fato diferente do que outros profissionais tinham dentro de sala enxergando o

aluno como problemático e o afastando do ensino básico, o que conseqüentemente gera a dificuldade na progressão do aluno ou a alfabetização tardia.

Ou seja, existem muitos gestores e professores empenhados em desconstruir pensamentos, quebrar preconceitos para garantir um futuro longe da infantilização e dependência dos pais e da família. E cabe ao município incentivar essa prática por meio de formações e capacitações para fazer com que esse aluno especial saia alfabetizado e possa garantir lá na frente um trabalho e sua independência pessoal.

A professora e mestre em educação especial, responsável pelo Núcleo de Acessibilidade da UFAL, Neiza Fumes, acompanha uma série de estudos a respeito do avanço sobre a progressão educacional dos PCDs no país e chamou atenção para diferentes aspectos como a infantilização do cidadão e a forma como a mídia evidencia os poucos casos de portadores de deficiência que conquistaram a graduação superior e chegaram ao mercado de trabalho.

Fumes indica que a falta de conhecimento por parte da própria sociedade acaba desacelerando esse processo de inclusão dos PCDs, entender que eles têm capacidade de concluir o ensino fundamental, superior, entrar no mercado de trabalho, construir uma família, entre outras conquistas comuns a qualquer ser humano, é a chave para um avanço que começa a acontecer em Maceió e em todo território nacional.

Durante a entrevista com auditor fiscal da Superintendência Regional do Trabalho de Alagoas, Leandro Carvalho, foi levantada a questão da dificuldade das empresas contratarem pessoas portadoras de deficiência, entendendo que a legislação brasileira prevê que empresas preencham vagas de acordo com seu quadro de funcionários. O auditor destaca que muitas das empresas realmente optam em pagar as multas, por entender que esse funcionário “especial” trará maiores despesas. Ele ainda esclarece que a visão da sociedade - e conseqüentemente das empresas – de enxergar um ser dependente e incapaz entrava todo o processo integracional, inclusive no mercado de trabalho.

Colocações que os personagens que estavam em busca de oportunidades no mercado de trabalho confirmaram. Para os PCDs, os critérios colocados a disposição das vagas dificultam uma possível contratação e essa seria a forma encontrada pelas empresas para escapar de multa e notificações.

Já na área do paradesporto, ficou evidenciada a ferramenta potencial em reabilitar, reintegrar e reafirmar o cidadão portador de deficiência em seu núcleo familiar, social, empregatício, educacional e afins. Seja no conceito científico levantado pelo técnico das equipes de basquete em cadeira de rodas e natação da ADEFAL, Diego Calado, seja na parte prática vivenciada pelos paratletas em ambas modalidades o esporte adaptado foi de fundamental importância para construção de sua própria identidade e no sentido de se firmar como qualquer outro cidadão no meio em que vive.

De acordo com o técnico Diego, diferentes turmas são formadas desde crianças a partir dos nove anos até adultos sem limites de idade, passando pelos grupos de iniciantes (recém recuperados ou diagnosticados), intermediários (mantém a rotina de exercícios dinâmicos) ao alto rendimento (paratletas que participam de competições estaduais, nacionais e internacionais). A principal função do esporte na associação é reabilitar o paciente, estimular o desenvolvimento psicomotor, físico e psicossocial. Ou seja, levar o paciente a entender seu corpo, suas capacidades e trabalhar o psicológico para lidar com a readaptação ou adaptação ao seu meio.

Nos depoimentos dos paratletas da natação e do basquete em cadeira de rodas que participaram das entrevistas, fica perceptível os avanços que o esporte adaptado proporciona e ressignifica a rotina e visão da pessoa com deficiência. Tanto no sentido físico, para alívio de dores e fortalecimento muscular, quanto no psicológico para recuperar auto estima e auxiliar no processo de reinserção em diferentes setores da sociedade. Para muitos deles a certeza é de que continuarão para sempre praticando alguma atividade física, já que ela deu esperança de todas as capacidades enquanto ser humano, independente de deficiência.

Ao concluir as matérias percebi que o meio escolhido acabou sendo excelente por suas características de linguagem e acessibilidade. Com o rádio pude utilizar diferentes elementos como músicas, sons do próprio ambiente – como vozes de criança ao fundo na matéria de educação, treinamento das equipes na matéria do esporte -, minha voz, a entonação dos personagens, tudo contribui para que o produto final fosse algo realmente acessível a população em geral, e em especial, às pessoas com deficiência. Tanto no sentido econômico, quando de assimilação e entendimento da informação.

O rádio proporcionou que eu alcançasse a finalidade das reportagens que era expor de maneira simples e enfática as principais dificuldades enfrentadas pelas pessoas com

deficiência na cidade de Maceió, indicar soluções a médio e longo prazo - estas colocadas por profissionais especializados que trabalham com o público e os próprio portador da deficiência responsável por relatar suas maiores necessidades e onde existe carência -, além de deixar o material acessível e dinâmico podendo ser utilizado de diferentes forma no futuro, inclusive convergindo com outros meios para tornar o produto ainda mais acessível.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução deste trabalho possibilitou a análise e um maior entendimento a respeito do cotidiano e as dificuldades enfrentadas por um cidadão portador de deficiência em Maceió. De acordo com dados coletados ao longo de pesquisas e durante entrevistas com profissionais, nas diferentes áreas abordadas existe um déficit de assistência e inclusão não só na capital alagoana, mas em nível nacional.

Devido à grande quantidade de adversidades encontradas na capital alagoana, a criação de políticas públicas e engajamento profissional devem ter como foco a compreensão e aperfeiçoamento da ideia de independência e capacidade de pessoas com deficiência desde a primeira infância ou mesmo em casos onde o portador a adquira ao longo da vida. Essas ações podem ser construídas e desenvolvidas por meios sociais, econômicos, conjugais, empregatícios e autoafirmação biológica.

Em Maceió foi identificado um avanço no número de alunos portadores de deficiência matriculados na rede pública de ensino, mas em contra partida ainda há entrave na iniciação e progressão desses alunos de série a série. No contexto nacional o número para nível superior mostra que 38 mil pessoas com deficiência estudam em universidades públicas no país (Conferência Nacional de Professores da Educação Especial, 2019). Ou seja, um fator diretamente relacionado a recepção e desenvolvimento de alunos PCD.

Outro fato que reforça o quão lento está a aceitação do portador de deficiência em sociedade é o baixo número de inserção no mercado de trabalho. Durante a realização deste trabalho, em Alagoas cerca de 1.900 profissionais portadores de deficiência estão contratados formalmente, caso a legislação sobre contratação e inclusão de PCDs no mercado de trabalho fosse cumprida esse número alcançaria 8.000 profissionais contratados. Uma diferença de 321%.

Como todo processo de desconstrução parte do conhecimento e disseminação de informação, a imprensa tem papel importante nesse desenvolvimento social. Para além do questionamento de novas ações dos poderes públicos, estimular a população em geral a enxergar o potencial independente do cidadão portador de deficiência, dissociar a imagem dependente do PDC.

Para finalizar, a partir das informações colhidas nos dados disponibilizados por órgãos, associações e organizações regionais e nacionais que trabalham com o público portador de deficiência, percebe-se a necessidade de trazer à tona o debate amplo em sociedade sobre formas de integralizar o cidadão portador de deficiência desde os anos iniciais de vida, em serviços públicos e oportunidades nos âmbitos social, individual, para que a figura independente seja comum e associada de forma responsável e de acordo com suas necessidades. Deixando claro que não estamos falando de igualdade, mas o sentido literal de equidade, onde se entende as principais carências do cidadão e a ele lhe é dado ferramentas suficientes para que alcance sua necessidade. Se torna estrategicamente uma maneira de evitar futuros vácuos na formação educacional, trabalhista e individual da pessoa com deficiência.

9. REFERÊNCIAS

AMARO, Rogério Roque. **A exclusão social hoje**. Instituto São Tomé de Aquino. Disponível em: <http://triplov.com/ista/cadernos/cad_09/amaro.html> Acessado em 20 de jul.2019.

BONIXE, Luís. **Rádio e inclusão: uma análise de experiências de rádio para surdos em Portugal**. Media & Jornalismo, Lisboa, v. 17, n. 31, p. 59-72, dez. 2017. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622017000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 maio 2018.

CANCIAN, J. R., Madeira, A., Schlosser, C., Carraro, M., & Berté, P. (2008). **O rádio como instrumento facilitador no processo de inclusão social**.

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. **Primeira Reunião da Conferência Regional sobre População e desenvolvimento da América latina**. Consenso de Montevideu sobre população e Desenvolvimento. 2013. Disponível em http://www.unfpa.org.br/Arquivos/consenso_montevideo_por.pdf Acesso em: 27 mar. 2019.

DEL BIANCO, Nelia Rodrigues. **O tambor tribal de McLuhan**. In MEDITSCH, Eduardo (Org.). Teorias do Rádio: textos e contextos, v. 1, Florianópolis: Insular: 2005.

FALEIRO, Gabriela Beatriz **Os desafios na inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho**. LUME - Repositório Digital, Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/69847>>. Acesso em: 31 de out. 2017.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. **Direitos das pessoas com deficiência: garantia de igualdade na diversidade**. In: SANTOS, Marisa Ferreira dos; LENZA, Pedro (Coord.). Direito previdenciário esquematizado. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. **Gênero e Deficiência: uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 484-497, out. 2014. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n2p484>>. Acesso em: 31 out. 2017.

FONSECA, Ricardo Tadeu Marques da. **A ONU e o seu conceito revolucionário de pessoa com deficiência**. LTr: Revista Legislação do Trabalho, São Paulo, v. 72, n. 3, mar. 2008

GRUBANO, Everson Cardoso. **O esporte adaptado como fator de inclusão social para pessoas com deficiência física**. UNESC – Repositório Digital, Santa Catarina, jul. 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/3075>>. Acesso em: 31 de out. 2017.

MOURA, Adailton; **Por uma comunicação mais acessível. Observatório da Imprensa: Você nunca mais vai ler jornalismo do mesmo jeito**, São Paulo, edição 975, fev. 2018. Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/por-uma-comunicacao-mais-acessivel/>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde e BANCO Mundial. **Relatório mundial sobre a deficiência** / World Health Organization, The World Bank; tradução Lexicus Serviços Lingüísticos. - São Paulo: SEDPcD, 2012. 334 p. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf;jsessionid=C64823F09A86FC0904FDD440A9F3EA37?sequence=4> Acesso em 18 mar. 2019.

OLIVEIRA, Luiza Maria Borges. **Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência**. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR); Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD); Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência. Brasília. SDH-PR/SNPD, 2012. 32 p.

SAMPAIO, Amanda Brito. **Recurso de acessibilidade nas emissoras/retransmissoras de Televisão e no Rádio: a prática e as possibilidades nos veículos de Campo Grande**.

SILVA, J. L. de O. A. da. **Rádio: oralidade mediatizada**. São Paulo: Annablume, 1999. 116 p.

SILVA, Maria Odete Emygdio da. **Da Exclusão à Inclusão: Concepções e Práticas**. *Rev. Lusófona de Educação*. Lisboa, n.13, p.135-153, 2009. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502009000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 mar. 2019.

UFMS – Repositório Digital, Mato Grosso do Sul, mai. 2017. Disponível em <<https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/4486>>. Acesso em 18 de junho de 2018.

VIEIRA, Cristiana de Sousa. **Novo conceito de pessoa com deficiência**. *Revista Jus Navigandi*, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 21, n. 4812, 3 set. 2016. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/51640>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

WERNECK, Claudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

ZANOTTI, Carlos Alberto; PEDROSO, Bárbara Garcia. **Autonomia e discriminação de pessoas com deficiência: formações discursivas de jornalistas**. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 102-113, out. 2017. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n1p102>>. Acesso em: 31 out. 2017.

_____. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2014

_____. **Convenção dos direitos das pessoas com deficiência**. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. set. 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm> Acesso em: 13 jan. 2019.

10. ANEXOS

PAUTAS

RETRANCA: ENCARANDO/ DEFICIÊNCIA

MARCAÇÕES: 10 de outubro, às 10 horas.

Entrevistados: Érica Ferro, portadora da síndrome de boemius.

Emerson Santos, portador de retardo intelectual moderado.

André Luiz, deficiente físico, perdeu dois membros em um acidente de trânsito.

DADOS:

Os últimos dados do Censo do IBGE realizado em 2010 revelam que mais de 850 mil pessoas possuem algum tipo de deficiência em Alagoas. São mais de 500 mil deficientes visuais, 146.056 deficientes auditivos, 173.545 deficientes motores e 59.954 com deficiência intelectual. Em Maceió, a média de pessoas com deficiência é de 1.049 casos a cada 100 mil habitantes, números que estão acima da média nacional, 981 casos para 100 mil habitantes.

Mesmo com o grande número de casos registrados, ações e políticas públicas voltadas a esse público começam a se desenvolver, mesmo caminhando a passos lentos. Em 2012, por exemplo, o Ministério da Saúde publicou uma portaria instituindo uma Rede de Cuidados à Pessoa Com Deficiência no âmbito do SUS, um serviço necessário e obrigatório que só veio a ser instituído recentemente.

Deficientes auditivos, físicos, intelectual, com ostomias ou múltiplas deficiências tem a oportunidade de receber assistência multiprofissional em Centros Especializados em Reabilitação. Além de preparar o cidadão fisicamente, abrange o lado psicológico mostrando que pode ser uma figura independente e obter conquistas acadêmicas, profissionais e pessoais.

PROPOSTA:

Nessa primeira matéria da série faremos a introdução ao tema, abordando como é para uma pessoa com deficiência lidar com sua particularidade, entendendo que temos dois grupos: aqueles que nascem com a deficiência e adquirem ela ao longo da vida. Vamos saber deles como foi perceber que era diferente dos demais? Entender diferentes necessidades? Adaptar

seu meio a sua deficiência? Lidar com baixa autoestima e a visão dependente que a sociedade cria para com o PDC? Qual o gatilho para reverter toda essa dificuldade e encarar os desafios?

RETRANCA: EDUCAÇÃO/DEFICIÊNCIA

MARCAÇÕES:

22 de junho, às 09hrs.

Entrevistada: Cláudia Valéria coordenadora geral de educação especial do município

4 de novembro, às 20hrs.

Entrevistada: Neiza Fumes, professora e mestre em educação especial da UFAL.

Local: Sala 1, do pavilhão de oficinas, em Jaraguá. Fica em frente ao prédio da Prefeitura de Maceió.

5 de dezembro, às 10hrs.

Entrevistadas: Valéria Santos, mães de aluno PCD; Vera Lúcia Silva, diretora da Escola Municipal Frei Damião; e Maria das Dores Vieira, professora da sala de recursos da unidade Frei Damião.

DADOS:

Na pesquisa do Censo de 2010, Maceió apresenta dados próximos as estimativas globais. Crianças com 14 anos de idade ou menos, que apresentam algum tipo de deficiência aparecem em pouco mais de 5% dos casos (ou seja, uma em cada 20), considerando apenas crianças com dificuldade de ouvir, caminhar e as que possuem algum tipo de deficiência mental. Entre crianças até 14 anos de idade com dificuldade de visão, nos graus mais agudos (não enxergam, ou têm grande dificuldade), o número sobe para 6,4% (ou seja, cerca de uma em cada 16 crianças).

Dentro das 57.699 matrículas da rede municipal de educação de Maceió, distribuídas em 138 estabelecimentos de ensino, subdivididos em oito regiões administrativas, responsáveis por atender educacionalmente os alunos matriculados. A participação dessas matrículas por nível

educacional registra os seguintes índices: 7.210 matrículas na educação infantil; 43.333 no ensino fundamental; e 7.156 no ensino de jovens e adultos.

Na Escola Municipal Frei Damião, no Benedito Bentes, mais de 700 estudantes são atendidos. Destes, pouco mais de 30 tem alguma deficiência. São crianças e adultos que recebem atendimento individualizado na Sala de Recursos, política pública do Ministério da Educação (MEC) aplicada em 78 salas, das 138 escolas da Rede Municipal de Ensino de Maceió.

O modo individual de ensino é realizado dentro de aulas práticas de atendimento educacional especializado: suporte da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e do código BRAILLE, a introdução e formação do aluno na utilização de recursos de tecnologia assistiva, como a comunicação alternativa e os recursos de acessibilidade ao computador, a orientação e mobilidade, a preparação e disponibilização ao aluno de material pedagógico acessível, entre outros.

PROPOSTA: A ideia da reportagem é mostrarmos de que forma acontece a inserção e progressão do aluno portador de deficiência na rede pública de ensino municipal. Entrevistaremos a coordenadora geral de educação especial do município, Cláudia Valéria, para saber como acontece o ingresso do aluno na rede pública? Quais as ferramentas utilizadas para facilitar esse acesso? Encontram resistência por parte dos pais ou gestores da escola? O que o município tem feito para facilitar o ingresso do aluno e auxiliar sua progressão dentro da rede?

Entrevistaremos também pais e gestores da Escola Municipal Frei Damião (a unidade possui uma sala de recurso para auxiliar os alunos). Com os gestores questionaremos como funciona a sala de recursos? Quantos alunos são atendidos nessa sala? De que forma são acompanhados? Qual a maior dificuldade na relação com os pais? Existe a progressão desses alunos ou é algo fora da realidade?

E com os pais vamos saber como foi a inserção do aluno na escola? Com quantos anos entraram na unidade? O convívio escolar contribuiu com o desenvolvimento? Quais mudanças foram perceptíveis desde a entrada na escola?

RETRANÇA: MERCADO DE TRABALHO/ DEFFICIÊNCIA**MARCAÇÕES:**

15 de outubro, às 10hrs.

Entrevistados: Rubiane Souza, coordenadora do programa Jovem Aprendiz na Pestalozzi, Gleibs Almeida, embalador PCD contratado pelo Unicompra e Márcia Coimbra, gerente de Recursos Humanos do Unicompra.

15 de outubro, às 14hrs.

Entrevistado: Leandro Carvalho, auditor fiscal da Superintendência regional do trabalho e Lizandra Correia, coordenadora de trabalho da Federação das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais do Estado de Alagoas.

DADOS:

Em março de 2019, a Superintendência Regional do Trabalho de Alagoas realizou uma audiência coletiva com 220 empresas que não cumpriram determinações da Lei de Cotas para Pessoas com Deficiência e Reabilitados do INSS (Lei no 8.213/91). A legislação obriga empresas a contratar Pessoas com Deficiência de acordo com seu quadro de funcionários, de forma geral a lei garante a contratação e inserção no mercado de trabalho por pessoas com deficiência.

De acordo com o Artigo 93 da lei “a empresa com 100 ou mais funcionários está obrigada a preencher de dois a cinco por cento dos seus cargos com beneficiários reabilitados, ou pessoas portadoras de deficiência, na seguinte proporção: até 200 funcionários, 2%; de 201 a 500 funcionários, 3%; de 501 a 1000 funcionários, 4%; de 1001 em diante funcionários, 5%.

Até o final de 2019, cerca de 1.900 profissionais com deficiência estão contratados formalmente em todo o estado. Considerando a legislação de cotas este número seria de 8.000 Pessoas com Deficiência contratadas formalmente no estado.

PROPOSTA:

A ideia é mostrarmos como funciona o processo de inserção no mercado de trabalho e quais as principais dificuldades encontradas por cidadãos portadores de deficiência em Maceió. Entrevistaremos coordenadores e integrantes do programa Jovem Aprendiz da Pestalozzi para

sabermos como acontece a entrada no programa? A relação com as empresas interessadas em contratar PCDs? De que forma são capacitados? Quantas vezes participaram de seleções de emprego? Como os funcionários se sentem ao conquistarem uma vaga de emprego?

Com o auditor fiscal, Leandro Carvalho, vamos saber quais os motivos alegados pelas empresas para o baixo número de contratações? Quantas foram notificadas? De que maneira podem agregar mais funcionários PCDs em seu quadro funcional?

RETRANCA: ESPORTE/ DEFICIÊNCIA

MARCAÇÕES: 10 outubro, às 10 horas.

Entrevistados: Diego Calado, técnico e educador físico das equipes de natação e basquete em cadeira de rodas da Adefal e os atletas Érica Ferro, Neusvaldo, Luiz André, Renato, Adeilson Santos, Thaíse Alves.

PROPOSTA:

Na última matéria desta série de reportagens mostraremos como PCDs encontra no esporte uma potente ferramenta de resgate da autoestima agregada aos benefícios físicos e sociais. Entrevistaremos o técnico da ADEFAL, Diego Calado, para saber quais aspectos científicos comprovam a eficácia da prática esportiva para PCDs? Como os alunos e atletas chegam para ele? Existem cronogramas específicos? Quais melhoras já identificou? Quais os benefícios da prática esportiva?

DADOS:

Não é novidade que a prática de atividade física gera diferentes benefícios a qualidade de vida do cidadão. No caso de pessoas com deficiência essa prática representa muito mais que saúde. Os benefícios percorrem os campos físico, psíquico e social, melhorando a condição cardiovascular e aprimorando a força, coordenação motora e o equilíbrio.

No psicológico (um dos espaços mais afetados nesses casos), o esporte eleva a autoestima e a autoconfiança, contribuindo para alcançar objetivos pessoais. No sentido social, ajuda a promover a socialização e a aceitação.

Seja em qual for o âmbito (escolar, amador ou competitivo), as atividades físicas buscam alternativas para que a diferença ou desvantagem que limita a pessoas na sua independência física, atividades diárias, inserção no mercado profissional e na integração social.

11.1 REPORTAGENS

REDATOR: EVA PIMENTEL
 RETRANCA (ASSUNTO): ENCARANDO/ DEFICIÊNCIA
 TÍTULO: O QUE É SER DEFICIENTE EM MACEIÓ?

DATA: 10/11/2019

TÉCNICA

LOCUÇÃO

LOCUÇÃO1

ER **CABEÇA:** VIDAS LIMITADAS/ REGIDAS PELO MITO DA DEPENDÊNCIA/ E O PRECONCEITO SOCIAL// COMO AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA LIDAM COM ADVERSIDADES PARA SUPERAR SEUS MEDOS E SEREM ACEITOS/ É O QUE VAMOS ACOMPANHAR A PARTIR DE HOJE NA SÉRIE DE REPORTAGENS ESPECIAIS OS DESAFIOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM MACEIÓ//

LOC2

EP **OFF1** – O QUE VOCÊ FARIA SE TIVESSE UMA VIDA LIMITADA POR CONDIÇÕES FÍSICAS OU INTELECTUAIS?// SEGUNDO DADOS DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA MAIS DE 27% DA POPULAÇÃO ALAGOANA CONVIVE COM ALGUM TIPO DE DEFICIÊNCIA/ SEJA ELA AUDITIVA/ VISUAL/ MOTORA/ MENTAL OU INTELECTUAL// EM MACEIÓ/ O NÚMERO ESTÁ ACIMA DA MÉDIA NACIONAL/ 1049 CASOS POR 100MIL HABITANTES/ CERCA DE 10% DA POPULAÇÃO// MESMO COM NÚMEROS EXPRESSIVOS/ AS BARREIRAS ESTRUTURAIS COMO ACESSIBILIDADE/ AS POLÍTICAS PÚBLICAS/ DESCONSTRUÇÃO SOCIAL E INVESTIMENTOS AINDA ESTÃO EM DESENVOLVIMENTO NA CIDADE E BEM DISTANTE DO NECESSÁRIO PARA ESSE PÚBLICO// PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA/ O MAIOR DESAFIO ESTÁ NA ACEITAÇÃO SOCIAL/ SE LIVRAR DA IMAGEM DEPENDENTE CRIADA PELA SOCIEDADE// ÉRICA FERRO É MACEIOENSES TEM 29 ANOS E NASCEU COM SÍNDROME DE MOEBIUS// APÓS UM LONGO PROCESSO JUNTO A UMA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR/ ÉRICA ATUALMENTE ESTÁ CONCLUINDO UMA GRADUAÇÃO/ SE TORNOU PARATLETA E SENTE-SE INTEGRADA A SOCIEDADE//

SONORA1 – ÉRICA FERRO

T: 0'52"

[...EU QUIS VOLTAR A NADAR, NÉ!]

LOC 2

EP

OFF2 – DESDE 1980/ A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE DEBATE A CONCEITO E CLASSIFICAÇÕES PARA TERMO DEFICIÊNCIA// APÓS DEFINIR COMO “QUALQUER PERDA OU ANORMALIDADE RELACIONADA À ESTRUTURA OU À FUNÇÃO PSICOLÓGICA, FISIOLÓGICA OU ANATÔMICA”/ HOJE ENTENDE-SE QUE A DEFICIÊNCIA ESTÁ LIGADA AO MEIO/ E A FALTA DE ESTRUTURA PARA GARANTIR BENS E SERVIÇOS AO PORTADOR DA CONDIÇÃO// AOS DOIS ANOS DE IDADE/ ADEILSON SANTOS ADQUIRIU NÍVEL MODERADO DE RETARDO INTELECTUAL// RECENTEMENTE COMPLETOU 17 ANOS E ACABA DE ENTRAR PARA EQUIPE NACIONAL DE DESPORTO AQUÁTICO/ AOS POUCOS É INSERIDO NO CONVÍVIO SOCIAL E JÁ TEM METAS TRAÇADAS PARA 2020//

SONORA2 – ADEILSON SANTOS

T: 0'50"

[...E VÊ NO QUE 'DÁ', NÉ!]

LOC2

EP

OFF3 – PARA QUEM SE TORNA DEFICIENTE AO LONGO DA VIDA/ A NOVA CONDIÇÃO TRAZ UM PROCESSO LENTO E DOLOROSO DE ACEITAÇÃO// COM DIFERENTES ALTERNATIVAS DE REABILITAÇÃO/ PCDS SÃO INTEGRADOS SOCIALMENTE DE FORMA DINÂMICA/ ATRAVÉS DE FERRAMENTAS COMO ESPORTE/ EQUOTERAPIA/ ARTE/ ATIVIDADES QUE ATUALMENTE ESTÃO DISPONÍVEIS PELO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE// LUIZ ANDRÉ/ TEM 39 ANOS E HÁ 12 PERDEU DOIS MEMBROS//

SONORA3 – LUIZ ANDRÉ

T: 0'33"

[...QUANDO SAI DO HOSPITAL A RECUPERAÇÃO FOI BEM MAIS INTENSA]

LOC2

EP OFF4 – POR TER ENFRENTADO ESSE PROCESSO/ ELE FAZ QUESTÃO DE LEVAR UMA MENSAGEM POSITIVA PARA AQUELES QUE ESTÃO PASSANDO POR ESSE PROCESSO//

SONORA – LUIZ ANDRÉ**T: 0'18"**

[QUEM TEM DEUS TEM TUDO]

LOC2

EP OFF5 – NA CAPITAL ALAGOANA/ PESSOAS COM DEFICIÊNCIA PODEM BUSCAR ATENDIMENTO NUM DOS ONZE CENTROS ESPECIALIZADOS DE REABILITAÇÃO// ATRAVÉS DO GRUPO DE ATENÇÃO A PESSOA COM DEFICIÊNCIA A POPULAÇÃO PODE TIRAR DÚVIDAS SOBRE OS SERVIÇOS DISPONÍVEIS NO TELEFONE (82) 3312-5424//

PRODUÇÃO EDIÇÃO E REPORTAGEM/ DE MACEIÓ/ EVA PIMENTEL//

REDATOR: EVA PIMENTEL

DATA: 10/11/2019

RETRANCA (ASSUNTO): EDUCAÇÃO/ DEFICIÊNCIA

TÍTULO: DEFASAGEM E PROGRESSÃO ESCOLAR PREJUDICAM ALUNOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA EM MACEIÓ

TÉCNICA**LOCUÇÃO**

LOC1	ER	CABEÇA: NESTA SEGUNDA REPORTAGEM DA SÉRIE DE REPORTAGENS “OS DESAFIOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM MACEIÓ” NOS VAMOS ACOMPANHAR O QUE CRIANÇAS/ JOVENS E ADULTOS DEFICIENTES ENFRENTAM PARA TER ACESSO A EDUCAÇÃO NA CAPITAL// ACOMPANHE//
LOC2	EP	OFF1 – APRENDER O BÊ A BÁ/ FAZER NOVAS AMIZADES/ CONHECER OUTRAS CULTURAS/ TUDO É POSSÍVEL DENTRO DA SALA DE AULA// MUITO ALÉM DO CONHECIMENTO OBRIGATÓRIO COMO MATEMÁTICA/ PORTUGUÊS/ CIÊNCIAS/ É NO AMBIENTE ESCOLAR QUE CONSTRUÍMOS VALORES SOCIAIS E INDIVIDUAIS// MAS COMO DAR INÍCIO A ESTA FASE DIANTE DE ADVERSIDADES COMO PRECONCEITO/ LIMITAÇÕES DE ESPAÇO/ PROFISSIONAL OU FINANCEIRO// CRIANÇAS/ JOVENS E ADULTOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA SOFREM PARA TER ACESSO A EDUCAÇÃO BÁSICA E DE QUALIDADE EM MACEIÓ// MESMO COM A IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA ONLINE PARA INSCRIÇÃO DE ALUNOS NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL/ UMA TENTATIVA DE FACILITAR A ENTRADA DESSE ESTUDANTE ESPECIAL NO ENSINO PÚBLICO/ AS DIFICULDADES CONTINUAM/ COMO NO CASO DA DONA VALÉRIA SANTOS/ MÃE DE UM ALUNO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL// ELA TEVE QUE PERCORRER TRÊS UNIDADES ATÉ CHEGAR A ESCOLA MUNICIPAL FREI DAMIÃO/ NO BAIRRO BENEDITO BENTES//
SONORA1 – VALÉRIA SANTOS T: 28’’ [...HOJE EU JÁ NÃO TENHO, SÓ ALEGRIA]		
LOC2	EP	OFF2 – DE FATO/ O SISTEMA DE MATRÍCULA ONLINE TROUXE FACILIDADES NA INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL// EM 2014/UM ANO ANTES DA IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA/ CERCA DE 1900 ALUNOS DEFICIENTES ESTAVAM MATRICULADOS NA REDE/ COM O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA EM 2015/ ESSE NÚMERO PASSOU PARA MAIS DE 2MIL 320 MATRICULAS// ALÉM DA IMPLANTAÇÃO DE SALAS DE

SONORA2 – CLÁUDIA VALÉRIO

T: 46''

[...TODO PLANEJAMENTO DE COMO TRABALHAR COM A CRIANÇA.]

LOC2

EP

RECURSOS/ ESPAÇOS VOLTADOS PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO CONTRATURNO// A COORDENADORA GERAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL EM MACEIÓ/ CLÁUDIA VALÉRIO/ ENTENDE QUE A INSERÇÃO É APENAS O PRIMEIRO PASSO PARA QUE O ALUNO PROGRIDA INDIVIDUALMENTE//

OFF3 – PARA A PROFESSORA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA ESCOLA MUNICIPAL FREI DAMIÃO/ MARIA DAS DORES VIEIRA/ O FOCO DEVE SER A PROGRESSÃO ESCOLAR DESSES ALUNOS/ O INTEGRANDO A SOCIEDADE//

SONORA3 – MARIA DAS DORES

T: 25''

[...E QUE NÃO VENHAM PERDER A SUA VIDA DESSA MANEIRA]

LOC2

EP

OFF4 – LÁ SÃO MAIS DE 30 ALUNOS COM DIFERENTES DEFICIÊNCIAS// ELES PARTICIPAM DAS ATIVIDADES REGULARES E NO CONTRATURNO FRENQUANTAM SALAS DE RECURSOS COM UM PLANEJAMENTO INDIVIDUAL PARA DESENVOLVER SUAS HABILIDADES// DAS 138 ESCOLAS DA REDE/ 78 CONTAM COM SALAS DE RECURSO//

SONORA4 – MARIA DAS DORES

T: 45''

[...TEM SURTIDO EFEITO, NÉ?!]

LOC2

EP

OFF5 – DE ACORDO COM UM LEVANTAMENTO REALIZADO PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO/ QUANTO MAIS CEDO ESSE ALUNO É INSERIDO NO AMBIENTE ESCOLAR/ MELHOR O SEU DESENVOLVIMENTO// PARA A COORDENADORA CLÁUDIA/ A RESISTÊNCIA DOS PAIS DIFICULTA ESSE PROCESSO//

SONORA5 – CLÁUDIA VALÉRIO

T:29''

[...DE SE RELACIONAR, DE APRENDER O NOVO.]

LOC2

EP

OFF6 – MEDO QUE DEVE SER DEIXADO DE LADO/ COMO

SONORA- MARIA DAS DORES

T:28''

[...VÊ O OUTRO O SUJEITO QUE ESTÁ ALI.]

LOC2

EP

DESTACA A PROFESSORA MARIA//

OFF7 – SE A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA ENCONTRA BARREIRAS/ OS DESAFIOS NO ENSINO SUPERIOR SÓ REFORÇAM A NECESSIDADE DE INVESTIMENTOS DE MANEIRA GERAL// MESMO COM O ACESSO GARANTIDO POR LEI/ A PARTE PRÁTICA PARA RECEBER ESSE PÚBLICO ESTÁ DISTANTE DA REALIDADE/ COMO PONTUA A PROFESSORA E MESTRE EM EDUCAÇÃO ESPECIAL/ NEIZA FUMES//

SONORA- NEIZA FUMES

T:39''

[...ÍNDICE DE EVASÃO, REPROVAÇÃO E ASSIM POR DIANTE]

LOC2

EP

OFF9 – SEM PLANEJAMENTO OU RECURSOS/ PENSAR A PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR É UMA QUEBRA DE BARREIRA DIÁRIA//

SONORA- NEIZA FUMES

T:30''

[...IMPROVISAR PARA FAZER INCLUSÃO]

LOC2

EP

OFF10 – PARA MINIZAR OS IMPACTOS NEGATIVO DESDE 2013/ A PROFESSORA CRIOU O NÚCLEO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA DENTRO DO CAMPUS A. C. SIMÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS//

SONORA- NEIZA FUMES

T:33''

[...QUE O CAMPUS A. C. SIMÕES TEM]

LOC2

EP

OFF11 – E COM PEQUENOS AVANÇOS/ A EXPECTATIVA É QUE ALUNOS COM FILHO DA DONA VALÉRIA QUE MOSTRAMOS NO INCÍO COTINUEM PROGREDINDO E CONQUISTANDO SUA INDEPENDÊNCIA//

SONORA-VALÉRIA SANTOS

T:28''

[...MARAVILHA]

LOC2

EP

**OFF12 – PRODUÇÃO/ EDIÇÃO E REPORTAGEM DE MACEIÓ/
EVA PIMENTEL//**

REDATOR: EVA PIMENTEL

DATA: 11/11/2019

RETRANCA (ASSUNTO): MERCADO DE TRABALHO/ DEFICIÊNCIA

TÍTULO: AS BRECHAS QUE PREJUDICAM A CONTRATAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM MACEIÓ

TÉCNICA

LOCUÇÃO

LOC 1

ER

CABEÇA: EMPRESAS NÃO CUMPREM LEI DE INCENTIVO A CONTRATAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E DEIXAM MAIS DE 6 MIL PROFISSIONAIS DESEMPREGADOS EM ALAGOAS// NA TERCEIRA REPORTAGEM DA SÉRIE IREMOS ENTENDER COMO FUNCIONA A INSERÇÃO NO MERCADO DE UMA PESSOA DEFICIENTE EM MACEIÓ//

LOC 2

EP

OFF1 – REINVENTAR/ SER CRIATIVO/ EMPREENDER/ EM MEIO A UMA CRISE ECONÔMICA SÃO MUITOS OS CONSELHOS E POUCAS AS OPORTUNIDADES DE VAGAS DE EMPREGO// E QUANDO FALAMOS DE PROFISSIONAIS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA O CENÁRIO É AINDA PIOR// MESMO COM A LEI DE COTAS PARA CONTRATAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA/ EMPRESAS RESISTEM E PREFEREM PAGAR MULTAS A INTEGRAR UM PCD AO SEU QUADRO DE FUNCIONÁRIOS// DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO/ DESDE 1991 EMPRESAS COM 100 OU MAIS FUNCIONÁRIOS OBRIGATORIAMENTE DEVEM PREENCHER DE DOIS A CINCO POR CENTO DOS SEUS CARGOS COM REABILITADOS OU PCDS// E PARA QUEM CONSEGUIR ALCANÇAR A CONTRATAÇÃO/ AS BARREIRAS SÃO INÚMERAS// É O QUE PONTUA A COORDENADORA DO PROGRAM JOVENS APRENDIZES DA PESTALOZZI/ RUBIANE SOUZA//

SONORA1 – RUBIANE SOUZA

T: 0'37''

[...E A EMPRESA RECEBÊ-LO]

LOC 2

EP

OFF2 – ATÉ O FINAL DE 2019 ALAGOAS TINHA CERCA DE 1900 CONTRATAÇÕES FORMAIS DE PCDS/ SE AS EMPRESAS CUMPRISSEM O QUE DIZ A LEI/ O NÚMERO DE CONTRATAÇÕES SERIA 321% MAIOR/ COM 6 MIL E 1000 PROFISSIONAIS PCDS NO MERCADO// EM MACEIÓ/ A SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO

SONORA2– LEANDRO CARVALHO
T: 0'17''
 [...ELAS POSSUEM UM CADASTRO DE CANDIDATOS]

LOC 2

EP OFF3 – EM PARCERIA COM SUPERINTENDÊNCIA/ A FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DO ESTADO DE ALAGOAS/ DISPONIBILIZA UM BANCO DE DADOS COM CURRÍCULOS PARA FACILITAR O PROCESSO DE CONTRATAÇÃO/ COMO DESTACA A COORDENADORA DE TRABALHO DA FEAPAES/ LIZANDRA CORREIA//

SONORA 3 – LIZANDRA CORREIA
T: 0'21''
 [...MAS ELA TEM HABILIDADES]

LOC2

EP OFF4 – CONTRARIANDO AS ESTATÍSTICAS/ GLEIBS ALMEIDA/ CONQUISTOU SEU PRIMEIRO EMPREGO// ELE TEM DEFICIÊNCIA MENTAL LEVE E HÁ SEIS MESES FOI CONTRATADO COMO EMBALADOR NUMA REDE DE SUPERMERCADOS//

SONORA 4 – GLEIBS ALMEIDA
T: 0'12''
 [...OUTRASPESSOAS QUE TEM O DESEJO DE TRABALHAR]

LOC2

EP OFF5 – A EMPRESA PASSOU A ATENDER A LEI DE COTAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E REABILITADOS DO INSS EM 2017// NO INÍCIO ERAM 21 FUNCIONÁRIOS PCDS CONTRATADOS/ ATUALMENTE 90 INTEGRAM SEU QUADRO FUNCIONAL// PARA A ANALISTA DE RECURSOS HUMANOS DO SUPERMERCADO/ MÁRCIA COIMBRA/ TANTO A EMPRESA QUANTO O EMPREGADO SÃO BENEFICIADOS//

SONORA5– MÁRCIA COIMBRA
T: 0'21''
 [...AUXILIE ELE NO QUE ELE BUSCA]

LOC2

EP OFF6 – A COORDENADORA RUBIANE/ REFORÇA QUE QUANTO MAIS CEDO O PCDS É INSERIDO NO MERCADO DE TRABALHO/ MAIOR SERÃO SUAS HABILIDADES// FALTAM APENAS

SONORA 6 – RUBIANE SOUZA
T: 0'39''
[...É UM MOMENTO BOM]

LOC2

EP

OPORTUNIDADES//

OFF7 – AS EMPRESAS E PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA PODEM BUSCAR AUXÍLIO PARA MEDIAÇÃO DE MÃO DE OBRA E INSCRIÇÃO NO CADASTRO DE CURRÍCULOS PELO TELEFONE 3221.2253 OU NO EMAIL CONTATO@FEAPAESAL.COM.BR// ALÉM DE CONTAR COM OS SERVIÇOS DO SINE MACEIÓ/ COM ATENDIMENTO PRESENCIAL DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA DAS OITO DA MANHÃ ÀS DUAS DA TARDE NO SHOPPING POPULAR/ LOCALIZADO NA RUA DO LIVRAMENTO/ BAIRRO CENTRO/ OU POR TELEFONE NO 3312-5290// **PRODUÇÃO/ EDIÇÃO E REPORTAGEM/ DE MACEIÓ/ EVA PIMENTEL//**

REDATOR: EVA PIMENTEL

DATA: 11/11/2019

RETRANCA (ASSUNTO): ESPORTE/ DEFICIÊNCIA

TÍTULO: O ESPORTE COMO FERRAMENTA DE INTEGRAÇÃO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

TÉCNICA**LOCUÇÃO****LOC1****ER**

CABEÇA: BEM ESTAR FÍSICO E SAÚDE MENTAL// NA QUARTA E ÚLTIMA REPORTAGEM DA SÉRIE VAMOS ENTENDER COMO O ESPORTE É UMA DAS PRINCIPAIS FERRAMENTAS NO COMBATE A DEPRESSÃO E BAIXA AUTOESTIMA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA// ACOMPANHE AGORA COM A REPÓRTER EVA PIMENTEL//

LOC2**EP**

OFF1 – DEZ DA MANHÃ/ OITO ATLETAS NA PISCINA/ 10 BATENDO BOLA NA QUADRA/ TREINO PESADO// O QUE ELES TÊM EM COMUM? A DEFICIÊNCIA E O ESPORTE COMO GATILHO PARA UMA VIDA SAUDÁVEL// OS 50 METROS DA PISCINA APARENTAM SER UMA TAREFA SIMPLES MESMO EM SUAS CONDIÇÕES/ ALGUNS NÃO TEM BRAÇOS OU PERNAS/ OUTROS NÃO TEM OS MOVIMENTOS DE PARTE DO CORPO// MUITO ALÉM DOS BENEFÍCIOS FÍSICOS/ ATRAVÉS DAS MODALIDADES ESPORTIVAS É POSSÍVEL ESTIMULAR AUTOESTIMA PERDIDA EM MEIO AO PRECONCEITO DIÁRIO// CRIADO NO SÉCULO VINTE/ O ESPORTE ADAPTADO SURTIU COMO UMA NOVA ALTERNATIVA DE REABILITAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL DE SOLDADOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL QUE VOLTAVAM PARA CASA MUTILADOS// HÁ MAIS DE DEZ ANOS TRABALHANDO COM PESSOAS DEFICIENTES O EDUCADOR FÍSICO E TÉCNICO DAS EQUIPES DE NATAÇÃO E BASQUETE CADEIRA DE RODAS DA ADEFAL/ DIEGO CALADO/ EXPLICA QUAIS OS BENEFÍCIOS DO ESPORTE PARA PCDS//

SONORA1 – DIEGO CALADO**T: 0'46''**

[...E É SAUDÁVEL PSICOLÓGICAMENTE]

LOC2**EP**

OFF2 – VANTAGENS QUE PODEM SER COMPROVADAS NUMA RÁPIDA CONVERSA COM OS PRATICANTES// ÉRICA FERRO

SONORA2 – ÉRICA FERRO**T: 0'40''**

[...E ASSIM A GENTE VAI SE DESENVOLVENDO]

LOC2**EP**

CONVIVE HÁ 29 ANOS COM SÍNDROME DE MOEBIUS QUE MOBILIZA OS NERVOS DA FACE E IMPEDE A FORMAÇÃO DOS MEMBROS// ELA É PARATLETA PELA EQUIPE DE NATAÇÃO E CONTA COMO FOI SEU PRIMEIRO CONTATO COM O ESPORTE//

OFF3 – A HISTÓRIA SE REPETE/ ELES CHEGAM AO ESPORTE PARA REABILITAR O CORPO E A SENSACÃO DE BEM ESTAR OS LEVA A NOVAS EXPERIÊNCIAS LIGADAS A INDEPENDÊNCIA PESSOAL E INSERÇÃO SOCIAL// LUIZ ANDRÉ PERDEU A PERNA E O BRAÇO NUM ACIDENTE DE MOTO/ O ESPORTE VEIO COMO REABILITAÇÃO ALTERNATIVA E SE TORNOU PAIXÃO//

SONORA3 - LUIZ ANDRÉ**T: 0'33''**

[...EU VIAJO E TUDO, E NÃO PRECISO MAIS DE NINGUÉM PARA ME AJUDAR, NÃO]

LOC2**EP**

OFF4 – PARA QUEM ADQUIRI A DEFICIÊNCIA/ ADAPTAR-SE A NOVA ROTINA É DIFÍCIL// RENATO CONTA QUE ERA MUITO ATIVO ANTES DO ACIDENTE QUE O FEZ PERDER UM DOS MEMBROS INFERIORES/ E POR MEIO ATIVIDADE FÍSICA O PROCESSO DE ACEITAÇÃO FOI MAIS RÁPIDO//

SONORA4 – RENATO OLIVEIRA**T:0'27''**

[...DÁ MANEIRA MAIS APROPRIADA]

LOC2 EP

OFF5 – PARA O EDUCADOR FÍSICO DIEGO/ O ESPORTE É UMA FERRAMENTA POTENCIAL PARA AJUDAR O DEFICIENTE A LIDAR COM OS OLHARES DA SOCIEDADE E CONQUISTAR SUA INDEPENDÊNCIA//

SONORA5 – DIEGO CALADO**T: 0'49''**

[...COISAS QUE ELES NÃO PODEM FAZER]

LOC2 EP

OFF6 – AOS 17 ANOS/ ADENILSON SANTOS COLECIONA MEDALHAS LOCAIS/ REGIONAIS E NACIONAIS// PORTADOR DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NÍVEL MODERADO/ O ESPORTE

SONORA6 – ADEILSON SANTOS**T: 0'36"**

[...E SEMPRE BATALHAR]

LOC2 EP**SONORA7 – THAISE ALVES****T: 0'19"**

[...VÁRIOS E VÁRIOS MUNDOS]

LOC2 EP**SONORA 7 – DIEGO CALADO****T:0' 28"**[...BEM MAIS FORTE DO QUE A GENTE TÁ
VEND AÍ TRABALHADO]**LOC2 EP****SONORA 8 – ÉRICA FERRO****T: 0'40"**[...COM OUTRAS PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA]**LOC2 EP**

LHE AUXÍLIA DE DIFERNTES FORMA E A SENSACÃO DE ESTAR
NA PISCINA COMPETINDO É INDESCRITÍVEL//

OFF7 – THAISE ALVES/ TEM 31 ANOS E HÁ SEIS MESES SOFREU
UM LESÃO NA MÉDULA QUE A DEIXOU PARALÍTICA// ALÉM DE
ENFRENTAR UMA DURA REABILITAÇÃO/ O TRAUMA
PSICOLÓGICO É A PIOR PARTE//

OFF8 – ALIAR DIFERENTES ÂMBITOS/ COMO EDUCAÇÃO/
LAZER/ CULTURA/ TRABALHO É FUNDAMENTAL PARA A
PESSOA COM DEFICIÊNCIA// O EDUCADOR REFORÇA A
IMPORTÂNCIA DE GARANTIR ESSES DIREITOS BÁSICOS A
PESSOA COM DEFICIÊNCIA//

OFF9 – NÃO SÃO AS DIFERENÇAS QUE NOS LIMITAM/ COMO
DESTACA ÉRICA//

OFF10 – **PRODUÇÃO/ EDIÇÃO E REPORTAGEM/ DE MACEIÓ
EVA PIMENTEL**

